



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANA CLARA DE ARAÚJO MARQUES

A ASCENSÃO DA IMAGEM DO EU FEMININO NA LITERATURA INFANTIL

João Pessoa
Junho/2021

ANA CLARA DE ARAÚJO MARQUES

A ASCENSÃO DA IMAGEM DO EU FEMININO NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi

Coorientador: Ms. Joaes Cabral de Lima

JOÃO PESSOA

JUNHO/2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M357a Marques, Ana Clara de Araujo.

A ascensão da imagem do eu feminino na literatura infantil / Ana Clara de Araujo Marques. - João Pessoa, 2021.

59 f. : il.

Orientação: Daniela Maria Segabinazi Segabinazi.

Coorientação: Joaes Cabral de Lima.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura Infantil. 2. Representatividade. 3. Movimento feminista. I. Segabinazi, Daniela Maria Segabinazi. II. Joaes Cabral de Lima. III. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-93(043.2)

ANA CLARA DE ARAÚJO MARQUES

A ASCENSÃO DA IMAGEM DO EU FEMININO NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

DANIELA MARIA SEGABINAZI

Orientadora

RINAH DE ARAÚJO SOUTO

Examinadora

LUCIANE ALVES SANTOS

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, mulher forte e guerreira, minha super-heroína, por todas as batalhas que lutou (e venceu) a meu lado. Por todo apoio e por ler todos os capítulos desse TCC e dizer como estavam bons, assim como me ouvir por horas, falando dessa pesquisa. Espero que você tenha ficado orgulhosa do resultado.

Agradeço a minha melhor amiga, Layne, por ter embarcado comigo nessa jornada da graduação e da vida. Obrigada, amiga, por ter acreditado neste “império”. Obrigada pelas madrugadas falando sobre tudo e sobre nada, por ser essa criatura que irradia luz e que me inspira todos os dias.

Agradeço a Rebecka pelas conversas de peito aberto, pela experiência docente conjunta, por estar comigo comendo passatempo e rindo.

Agradeço a minha amiga mais antiga, Jana, por sempre me ouvir, por estar presente nas fases mais loucas da minha vida, por ficar feliz por mim, oferecer seu ombro e sempre saber a hora de puxar minha orelha.

Agradeço a todas as pessoas incríveis que encontrei no Programa Linguístico-cultural para Estudantes Internacionais, vocês, Elana, Lucas, Taliana, Jessye, Alicia, são amigos que levarei dentro do coração junto daquela salinha que passamos nossos dias tomando café.

Agradeço a Joaes por enxergar e apostar em mim, assim como pela parceria acadêmica e amizade. Assim como sou grata por ter ouvido sua história e por me inserir nela. Você é um livro lindo de se ler.

Agradeço a professora Daniela Segabinazi por me orientar, me inspirar e me ensinar tanto. Obrigada por me mostrar esse caminho. Obrigada por me mostrar que a literatura transforma a vida em mágica.

Agradeço a professora Maria Elizabeth Peregrino por tudo. Como as aulas incríveis, as conversas sobre a vida, os conselhos, as recomendações de livro, por me ajudar e me transformar na mulher que eu sempre quis ser. Mal posso esperar para tomar nosso café com bolo.

Agradeço a Maria Leonor por ter me ensinado tanto e por acreditar em mim. Assim como pela troca de e-mails sobre as maiores aleatoriedades, por participar de vários momentos da minha vida, por me fazer rir em aulas e por me dar esperança quando não parecia haver mais nenhuma no meio deste caminho.

Agradeço também a todos aqueles professores que me ensinaram exatamente o tipo de professora que eu não quero ser.

Agradeço ao meu primo, Sayron, por me segurar desajeitado no braço quando éramos crianças, por me fazer rir com suas poucas palavras, pelas sessões infinitas no cinema.

Agradeço as professoras Rinah, Luciane e Claurênia que acolheram meu convite e aceitaram embarcar no final dessa jornada comigo, como avaliadoras desse trabalho.

Agradeço a todas as pessoas que passaram e não ficaram. Vocês também ajudaram a tornar esse sonho real.

Agradeço a Theo por me fazer rir nos capítulos finais, principalmente, latindo de madrugada para brincar.

Agradeço a todas as grandes mulheres que conheci. Vocês sempre me inspirarão.

RESUMO

O presente trabalho objetiva iniciar realizando um pequeno percurso histórico sobre o movimento feminista e as crítico-teóricas que realizaram estudos impactantes que muito contribuíram para a forma como a mulher passou a ser enxergada hoje, para que dessa maneira, possa seguir-se para uma análise de livros de literatura infantil que têm um posicionamento de resistência diante do estereótipo imposto pela cultura patriarcal. Sendo assim, nos reportamos para as teorias de Wolf (2020); Friedan (2020); Eleutério (2017); Carboniere e Laverde (2018), buscando demonstrar aspectos de como a representação da mulher é apresentada pela mídia, pela literatura e pelos veículos que ajudam a moldar a sociedade no que ela é hoje. A partir de uma pesquisa qualitativa bibliográfica, pudemos analisar os livros *Lady Fofa* (2010), em que há a representação de meninas e mulheres que estão acima do peso; *Ombela – a origem das chuvas* (2018), obra na qual observamos uma personagem negra que não passou pelo processo de apagamento cultural ou embranquecimento; e *O menino perfeito* (2017), que nos revela uma personagem trans. E a partir destes livros, realizamos uma análise tanto da imagem gráfica, levando em consideração a compreensão acerca do processo de ilustração; quanto do caráter formador e reflexivo da literatura infantil. Para além destes aspectos, nos propusemos a questionar os estereótipos da mulher perfeita e ideal estabelecidos há tantos séculos na sociedade e sobre a importância da representatividade, dentro da literatura e outros veículos midiáticos. A partir destes objetivos, conseguimos constatar que a mulher tem sido constante vítima, apesar de muitas resistirem, de uma idealização mítica de beleza o que faz com que várias se sintam fora do padrão pré-determinado e que a literatura infantil, além de ser um material reflexivo, é transgressor desta realidade e um poderoso aliado na luta das mulheres pela aceitação de suas diferenças e singularidades e pelo de se aceitar e amar ser como é.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Teoria Feminista. Representatividade. Ilustração. Imagem da mulher.

ABSTRACT

The present paper aims to start by carrying out a short historical journey about the feminist movement and the critical-theoreticians who carried out impactful studies that contributed a lot to the way in which women came to be seen today, so that in this way we can follow to an of children's literature books that have a position of resistance in the face of the stereotype imposed by the patriarchal culture. Therefore, we refer to the theories of Wolf (2020); Friedan (2020); Eleutherium (2017); Carboniere and Laverde (2018), seeking to demonstrate aspects of how the representation of women is presented by the media, literature and vehicles that helps to shape society into what it is today. From a qualitative bibliographic research, we were able to analyze the books *Lady Fofa* (2010), in which there is representation of overweighted girls and women; *Ombela – a origem da chuva* (2018), a work in which we observe a black character who did not go through the process of cultural erasure or whitening; and *O menino perfeito* (2017), which reveals a trans character. And from these books, we performed an analysis of both the graphic images, taking in consideration the understanding of the illustration process; and the formative and reflective character of children's literature. In addition to these aspects, we proposed to question the stereotypes of the perfect and ideal woman established for so many centuries in society and about the importance of representation, within literature and other media vehicles. From these objectives, we can see that women have been a constant victim, despite many resisting, of a mythical idealization of beauty, which makes many feel outside the predetermined patriarchal pattern and that children's literature, in addition to being a reflective material, it is a transgressor of this reality and a powerful ally in the struggle of women for the acceptance of their differences and singularities and for the acceptance and love of being the way they are.

Keywords: Children's Literature. Feminist Theory. Representativeness. Illustration. Woman's image.

ANA CLARA DE ARAÚJO MARQUES

A ASCENSÃO DA IMAGEM GRÁFICA DO EU FEMININO NA LITERATURA
INFANTIL

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca examinadora

Orientador

Examinador

Examinador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ELA, A MULHER HISTORIADA.....	15
1.1 Feminismo e suas configurações.....	15
1.2. A mulher literária.....	21
2. ELA, A MULHER REPRESENTADA.....	29
2.1 A Representação da Mulher e da Menina.....	29
2.2 A Representação da Mulher e da Menina na Literatura Infantil.....	35
2.3 A Representação da Mulher e da Menina Através de Imagens.....	40
3. ELAS, A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA.....	44
3.1 <i>Lady Fofa</i> : me faço caber!.....	44
3.2 <i>Ombela: a origem das chuvas</i> : pele livre!.....	47
3.3 <i>O Menino Perfeito</i> : quero poder ser!.....	50
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
5. REFERÊNCIAS	55

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagens de Golda decepcionada com seus vestidos.....	p.42.
Figura 2: Golda desfilando com seus vestidos <i>plus size</i>	p.43.
Figura 3: Golda saboreando sua refeição com a família que vive sob o mito da beleza.....	p.44.
Figura 4: Ombela triste.....	p.46.
Figura 5: Ombela reflexiva.....	p.47.
Figura 6: Daniel se olhando no espelho sem se reconhecer.....	p.48.
Figura 7: Daniel podendo ser quem verdadeiramente é.....	p.49.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos anos da vida de uma mulher, sempre há um padrão físico, uma estética, que o patriarcado a impõe seguir, algo que é perpetuado pela mídia em seus diversos veículos, como através da televisão, da arte e até mesmo da literatura, ao nos depararmos com descrições físicas ou ilustrações de personagens definidas como magras, altas, louras, etc. E isso é algo que podemos perceber através de diversas épocas, por exemplo, no período romântico nacional, tínhamos descrições como “Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças descobriam a fronte alva e caíam em volta do pescoço” (ALENCAR, 2004, p. 30) em *O Guarani*, de José de Alencar, ou ainda “A moça tem um ano de menos: loira, de olhos azuis, faces cor-de-rosa... seio de alabastro... dentes...” (MACEDO, 1998, p. 17), em *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Os romances foram escritos nos anos de 1857 e 1844, de modo que traziam a mesma descrição de mulheres alvas, loiras e de olhos azuis. Ainda que os livros tenham sido escritos em território nacional, no qual há uma alta taxa de miscigenação, país este de etnia diversificada, já faltava a representação das demais belezas distintas, como a das mulheres negras e indígenas, a esse padrão “romântico”, imposto naquela sociedade. Então, voltamos o olhar para Portugal, em 1878, com a esperança de encontrar uma mulher que não seguia esse mesmo padrão de beleza e acabamos por nos deparar com “[...] no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e láctea das louras” (QUEIRÓS, 2014, p. 11), em *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós.

Nesta breve história, percebemos que o padrão de beleza já era, majoritariamente, solidificado em mulheres louras e de tez “leitosa”, o que à época reforçava o papel de pureza da mulher, aquele anjo submisso, que os homens amavam pela castidade, enquanto as demais peles, tons, cabelos, mulheres, eram escanteadas nas descrições de exaltação. Então, essa concepção, limitava-se a séculos passados, porém, ao lermos livros mais contemporâneos, nos deparamos com descrições tais como “Uma loira com cabelos longos e enrolados aguarda do outro lado.” (PERKINS, 2013, p. 12), em *Ana e o Beijo Francês*, ou ainda “Ela pintava os lábios antes de cada turno com um tom vermelho inabalável. Tinha o cabelo louro-escuro, indomável, elétrico, cheio de mechas como uma deusa do rock da década de 1970.” (DANLER, 2017, p. 42), em *Tintos e Tantos*.

Mesmo séculos depois, ainda nos deparamos com descrições assim se sobrepondo às demais? Onde entra a descrição das mulheres negras, dos cabelos afros, gordas, e ainda, onde está inserida a descrição de mulheres trans? A partir desses questionamentos e observações,

surgiu a motivação para escrever este trabalho, pois, há uma falta de representação desses diversos tipos de mulheres na literatura e precisamos valorizar os livros transgressores, que quebraram com esses padrões.

Dessa maneira, esta pesquisa surgiu a partir da reflexão acerca da importância da representatividade dos mais diversos tipos de mulheres que permeiam nosso mundo. Sabemos que a literatura, a arte em seus diversos aspectos, tem um papel fundamental na formação do sujeito crítico, e ousamos dizer, também do meio social, pois ela – a literatura – não só incitará o sujeito leitor a ser mais reflexivo, como também, o concederá um espaço para alterar, transgredir e até mesmo fundar movimentos que causem tamanho impacto na sociedade a qual pertencemos. Então, tencionamos romper com a barreira que gira ao redor da mística por trás da imagem feminina delineada a partir da mulher idealizada pelo patriarcado.

Além disso, ainda objetivamos verificar a representatividade do eu feminino na literatura infantil, inclusive, abarcando a importância da necessidade de um olhar mais cuidadoso para as ilustrações; assim, no capítulo um conceituaremos e contextualizaremos como se configura o feminismo e a representação feminina da mulher a partir de um recorte da história do movimento feminista, trazendo à luz, teóricas e representantes como Mary Wollstonecraft (1792), Olympe de Gouges (2007), Virginia Woolf (2020; 2018; 2014), Betty Friedan (2020), Josefina Álvares (1878), Naomi Wolf (2020), entre outras. Também trataremos de obras literárias que são consideradas canônicas para o movimento, como *Jane Eyre* (2018), *Orlando* (2018), *A room of one's own* (*Um teto todo seu*, 2014), *Emma* (2012), entre tantas outras.

Em seguida, no capítulo dois, pretendemos discutir a importância da representatividade dentro das mais diversas esferas, dentre elas, a literatura infantil e juvenil, assim como a representação da mulher e da menina, dentro de filmes, animações, músicas, etc. E para este fim, nos reportamos a teóricos como Coacci, 2015, Wolf (2020) Ribeiro; Andrade; Costa; Girotto, (2015) Eleutério (2017) Carboniere; Laverde (2018), entre outras e trouxemos obras literárias que se encaixam nesse escopo como *Eugênia e os Robôs* (TOKITAKA, 2014), *A menina bonita do laço de fita*, (MACHADO, 1986), *O cabelo de Lelê* (BELÉM, 2007), *A Seleção* (CASS, 2012), etc.

E para concatenarmos e evidenciarmos todos os conhecimentos adquiridos ao longo desta pesquisa, pretendemos identificar os aspectos e visões do feminino a partir das ilustrações das obras *Lady Fofa* (2010), de Carla Yanagiura e ilustrado por Fernanda Moraes, na qual encontramos uma protagonista gorda em oposição às demais magras e padronizadas; *O menino perfeito* (2017), escrito e ilustrado por Bernard Cormand, que ousou apresentar-nos uma

personagem não-cisgênero; e *Ombela: a Origem das Chuvas* (2016), de Ondjaki e ilustrado por Rachel Caiano, na qual uma protagonista que tem a “tez, fronte” negra se nega a perpetuar uma representação de uma pele “leitosa” ou que se sujeite aos processos de embranquecimento presentes em nossa realidade.

No que diz respeito à metodologia, tendo em vista os objetivos delimitados para a presente pesquisa, enquadramo-la no caráter bibliográfico descritivo, por meio do qual, buscamos demonstrar a representação da mulher na literatura infantil dentro de três eixos: a mulher negra, a mulher com o corpo fora do padrão e a mulher trans, de modo que a partir daí, analisamos como as ilustrações contemporâneas abordam e delineiam tais questões.

Num primeiro momento, procuramos conceituar e contextualizar o feminismo e a forma que a mulher tem sido representada ao longo do tempo, para que a partir daí, possamos concatenar as questões abordadas com as do segundo momento, no qual discutiremos a importância da representatividade dentro da literatura infantil, tendo em vista que a mesma é de extrema relevância no que diz respeito à formação do sujeito crítico e sócio-histórico.

Ainda sobre as críticas e teorias utilizadas na construção deste trabalho, podemos perceber que a literatura infantil, por si só, é um eixo muito recente, tendo em vista que até o século XVII, o termo “infância” ainda não havia sido utilizado para definir as crianças. Com o passar do tempo, através da utilização de técnicas que foram sendo aprimoradas, chegamos a uma rica fortuna crítica em formação. Encontramos grandes nomes para citar e vários deles estão na bibliografia desta pesquisa, a exemplo *Crítica, teoria e literatura infantil* (HUNT, 2010), o qual nos utilizamos para solidificar uma compreensão mais precisa e aguçada acerca da literatura infantil e seu papel formador, além levantar análises sobre os paratextos que nos deparamos diante das leituras literárias que são feitas. Outro nome de destaque com que nos deparamos no decorrer dessa pesquisa foi com o de Graça Ramos que já estava debruçada nos estudos da literatura infantil e ilustrações, o que acabou por colaborar a obra *A imagem nos livros infantis – Caminhos para ler o texto visual* (2013), mas não só Ramos solidificou uma base para uma análise mais precisa das ilustrações, CAMARGO (1995) também ofereceu-nos descrições precisas e técnicas acerca desse aspecto literário em sua obra *Ilustração do livro infantil* e também nos utilizamos de outros autores “Imagens que falam: considerações sobre o livro-ilustrado e a formação do leitor.” (SILVA; SOUZA; CAMARGO, 2017).

Apesar de ser uma área de pesquisa recente, já temos diversas publicações em anais, revistas e também dissertações que analisam pontos da literatura infantil a partir de uma ótica mais sociocultural. A exemplo, o artigo “A Mulher Representada nos Livros De Literatura Infantil Contemporâneos: Sementes de ideias lançadas para possíveis brotos de reflexão”.

(2015) e (VELOSO; SILVA, 2012), em que as autoras traçaram um panorama acerca da representação da mulher nos livros infantis e a importância de refletir sobre o que se pode gerar, tendo em vista que a imagem perpetuada é a da moça boa, submissa e silenciosa, sem levar em consideração que as mulheres também são criaturas humanas e que têm todo direito de usufruírem da mesma liberdade que é oferecida ao homem. Sobre isso, podemos ressaltar que:

No Brasil, os primeiros exemplares voltados à infância aparecem por volta do final do século XIX e início do século XX sob a forma de traduções e adaptações e, assim como na Europa, apresenta forte ligação com interesses da Pedagogia, uma vez que as histórias eram produzidas também para atender a seus objetivos fortemente moralizantes, com um lugar de destaque para a família e para a mulher, vista como um poço de virtudes, boa, santa e pura. Conforme trecho da dedicatória do livro *Contos da Carochinha*, ‘[...] e lembra-te que a vida de família é a única feliz, que o lar é o único mundo onde se vive bem, onde a Mulher, boa, santa, pura, carinhosa, impera como rainha’. (PIMENTEL, 1894 apud AMARAL, 2004, p. 22).

Mais adiante, também podemos encontrar inúmeras fontes que abordaram a mesma questão do papel e da representação da mulher dentro da literatura infantil, como “Antiprincesas e anti-heróis: a literatura infanto-juvenil e a desconstrução de estereótipos de gênero” (ELEUTÉRIO, 2017), em que há uma desconstrução desse papel no qual as mulheres foram moldadas sem espontânea vontade; “Entre laços, cachos e tranças: o empoderamento das meninas negras através da literatura” (CARBONIERE; LAVERDE, 2018).

Além de todos os estudos voltados especificamente para o campo literário, também nos utilizaremos de obras com uma ótica mais focada na teoria feminista, como ocorre em *The Feminine Mystique* (*A mística feminina*, Friedan, 2020), que é considerado um marco do movimento feminista por ter sido um dos livros fundadores da segunda onda e que levantava questões acerca da imagem designada para o lugar da mulher. Outra importante referência teórica que nos servirá como embasamento é Naomi Wolf a partir do livro *The beauty myth: how images of beauty are used against women* (*O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, 2020), que nos ajudou a moldar uma análise mais enriquecida acerca do padrão da estética física feminina que nos foi imposta através da mídia dominada por um império patriarcal.

Vale salientar que é de tamanha relevância a discussão acerca da pouca representatividade que as mulheres “comuns” recebem ao longo dos anos, pois, observamos inúmeros momentos na literatura, personagens de beleza tão “miraculosa” e “formidável” que, assim, acaba-se por não ter a inclusão das mulheres com físicos diferentes a esse ideal. E ainda,

de tamanha magnitude, de modo a questionarmos, o padrão que está sendo estabelecido para as meninas e mulheres do futuro.

Além disso, essa pesquisa justifica-se por meio da necessidade de estudar e analisar a quebra de padrões, principalmente daqueles livros que ousaram transgredir com os ideais perpetuados e nos trazer personagens em que meninas e mulheres se sintam representadas, personagens que tragam mais “essa menina tem o mesmo cabelo que eu” do que “gostaria de ser assim”, pois, é possível nos encontrarmos em linhas e páginas, apesar da dura verdade que é saber que tem sido bem difícil nos depararmos com estes momentos.

Desta maneira, pretendemos enriquecer a fortuna crítica acerca do eu feminino presente na literatura infantil – literatura esta que é de tamanha importância, pois, é basilar para a formação da menina de hoje e da mulher do amanhã – mostrando que mesmo que seja um campo de estudos relativamente recente, é de grande relevância, visto que um livro infantil pode transformar crianças, jovens, adultos¹ e até mesmo idosos, dado que, ele é de tamanha força, por várias vezes, oculta por trás de toda sua sutileza e merece seu devido reconhecimento.

Então, com base nesses pontos discutidos, objetiva-se discutir neste trabalho, obras da literatura infantil que ousaram transgredir e não nos mostrar apenas personagens de descrições idealizadas de séculos passados que até hoje se perpetuam. Traremos a representação da mulher que está liberta dos cânones literários. É a partir daí que analisamos as ilustrações dessa configuração, desse padrão que existe aquém da mídia, das pessoas que são vistas em minoria, (mesmo sendo a maioria) e realizamos uma análise tanto do ponto de vista artístico-estético, como também, demonstramos a relevância da ilustração para a representatividade em seus mais diversos âmbitos, tais como, em um contexto sociocultural.

A partir das obras selecionadas, pretendemos responder os seguintes questionamentos: que aspectos fazem parte da estética feminina nestas obras infantis? Qual a importância de exaltá-las? Como elas contribuem para a formação da visão de mundo e de seu lugar no mundo de uma criança? Quão importante realmente é discutir a representatividade das diversas formas

¹ Diante da necessidade de utilizar uma linguagem mais inclusiva, optamos por nos utilizar também pelo gênero neutro, que representa também o não-binário, ou seja, quem não se identifica simplesmente como “homem” ou “mulher”. Tendo isso em vista, é importante saber que diversas pessoas preferem os pronomes neutros, que podem ser, segundo a Revista Galileu (2021), “ile” ou “elu”, que substituí os marcadores de gênero (“a” e “o”) por “u”. E no caso de outras palavras, “a” e “o” podem ser trocados por “e”, como em “senhore”, “filhe”, “amigue” e “todes”.

O que é gênero não binário e como usar a linguagem neutra no dia a dia. 2021. < [O que é gênero não binário e como usar a linguagem neutra no dia a dia - Revista Galileu | Comportamento \(globo.com\)](#)> acesso em 19 de jul. de 2021.

e formatos das mulheres? Como podemos contextualizar a evolução estética do que é considerado beleza?

1. ELA, A MULHER HISTORIADA

Ao pensar na mulher dentro da sociedade, em sua posição, em como ela chegou a conquistar os direitos que tem hoje e como foi a luta para obtê-los, precisamos observar o panorama histórico dessa luta. E para este fim, precisamos estar atentos ao movimento feminista que foi, e segue sendo, o campo de batalha das mulheres.

Sendo assim, esse capítulo pretende trazer um pequeno recorte da história do movimento feminista, pondo em pauta os seus grandes nomes de destaque que encabeçaram não só a teoria, mas também, que mergulharam no campo literário ao quebrar com fronteiras traçadas pelos homens e transgredir a partir de narrativas e escrituras.

Também pretendemos unir essa contextualização histórica e literária à forma que libertou, transgrediu, incentivou, legalizou e representou as mulheres em suas diferentes formas e aspectos a partir das diversas intersecções que podemos presenciar ao longo do movimento feminista

1.1 Feminismo e suas configurações

Ao pensar no sujeito, ser humano, “mulher”, imediatamente aparece uma imagem definida na mente da leitora, mas, essa imagem é de si própria? De outra mulher que conhece? Ou é uma imagem que foi formada, inconscientemente, a partir da perpetuação da mulher “ideal”? Aquela que é o maior ícone nos mais diversos veículos midiáticos, seja por redes sociais, televisão, cinema, aquela que não encontramos em nossa realidade, que tende a ser alta, magra, de cabelos loiros, entre tantas outras características que são atribuídas ao padrão do “belo”. E, podemos levar essa pergunta um pouco mais adiante, essa mulher que foi invocada tem uma personalidade doce? Alegre? Passiva? Também seria ela mais um fruto desse grande paradigma da “mulher ideal”?

Há muitos séculos, senão milênios, as mulheres vêm sendo subjugadas pelo patriarcado, que exigia, e ainda exige, que elas se moldassem de acordo com os desejos do homem, não apenas na forma do padrão físico, mas na sexualidade, atitudes, pensamentos, crenças, todo um sistema voltado para tornar a vida deles mais fácil e mais confortável, sem necessariamente levar em consideração as necessidades delas.

A mulher tinha de nascer, crescer, casar, ser mãe e manter o marido e as crianças felizes enquanto considerava-se satisfeita ao cuidar deles e do lar. Porém, havia certa inquietação para algumas dessas mulheres, foram elas que se rebelaram contra essa concepção.

Foi da necessidade do “mais”, de ser tratada como ser humano, de forma igualitária, do desejo pela liberdade de pensamento, que se construiu um rico e imenso movimento chamado “feminismo”, cujo início data do século XVIII e era de natureza social, política e filosófica. Um grande marco foi a publicação da “*Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*” (Declaração dos direitos da mulher e da cidadã) escrita por Olympe de Gouges, em 1791, e endereçada à Rainha Maria Antonieta, esposa do Rei Luís XVI. Esta declaração fora redigida como uma crítica à publicação da “Declaração do direito dos homens e do cidadão”, em 1789, que não contemplava as mulheres. Logo após a Revolução Francesa, na qual a busca pelo direito à igualdade, liberdade e fraternidade, fora gritado como um mantra, as mulheres ficaram sem o privilégio à liberdade e igualdade.

Então, a partir disso, o documento redigido por Gouges exigia direitos que poderiam ter sido considerados mirabolantes, porém, como podemos ver no Artigo primeiro, “A Mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. As distinções sociais só podem ser fundamentadas no interesse comum.” (GOUGES, 2007, p. 2), não passava de requerimentos justos e tão óbvios que chegava a ser irônico ter de pedi-los, afinal, por que o homem havia de ser tratado como um ser superior e as mulheres seres inferiores? Porém, pela ousadia de fazer tal pedido, Gouges foi condenada à guilhotina, em 1793.

Pouco tempo depois, outra mulher se indignou com a posição a qual foi sujeitada pela sociedade e publicou *A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects* (A Reivindicação dos Direitos da Mulher, 1792); essa mulher foi a britânica Mary Wollstonecraft, nesta reivindicação ela pontuava que as mulheres não eram inferiores aos homens, aparentava que o fossem porque elas não tinham acesso à mesma educação e instituições que eles tinham, se elas fossem contempladas pelas mesmas oportunidades, poderiam se tornar sujeitos mais pensantes e racionais que não se limitavam à atividades domésticas.

Enquanto isso, o Brasil estava aos poucos ingressando no movimento, a exemplo disso, temos a publicação, em 1832, de Nísia Floresta, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens*, obra em que ela apontou que as mulheres são seres pensantes e inteligentes, que também eram dotadas de razão e que mereciam respeito. Além de possuir as mesmas capacidades, que um homem, de ocupar cargos importantes e de comando. Ela também mostra que a superioridade do homem não passa de um mito.

As mulheres continuavam na sua luta pelo direito à igualdade, e nesse cenário, a escritora Josefina Álvares se tornou uma das primeiras mulheres, em território brasileiro, a defender o direito do voto e cidadania feminina, através da peça “*O voto feminino*” (1878), encenada no Teatro Recreio (situado no Rio de Janeiro, na Rua do Espírito Santo, atual 21 de Abril) e mais tarde, publicada em livro.

Porém, a luta não cessou por aí, uma batalha havia sido ganha, o direito para cursar o ensino superior havia sido dado através do Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, agora as mulheres brasileiras poderiam ingressar nas universidades, apesar do imenso preconceito contra elas.

Mais tarde, veio o movimento sufragista no Brasil, que lutava pelo direito ao voto e às candidaturas políticas das mulheres que conseguiu o seu decreto, em 1932. Primeiramente as mulheres não podiam votar sem a autorização dos seus maridos, então, dois anos depois quando o código eleitoral foi de fato consolidado, essas restrições foram removidas. Essa vitória mostrou que não era o fim desta luta pelos direitos das mulheres, pelo contrário, elas estavam começando e não iriam parar por aí.

Já em 1949, o livro *Le Deuxième Sexe (O Segundo Sexo)* foi publicado por Simone de Beauvoir; nele, a filósofa francesa analisa a posição da mulher na sociedade e põe em pauta críticas sobre os ideais de feminilidade impostos por grandes nomes como Aristóteles, Sigmund Freud, Marx e Engels. Foi um livro polêmico na época e ainda o é. Beauvoir teve uma história de vida controversa ao tempo em que vivia, não era uma mulher casada, manteve relacionamentos homoafetivos, tinha seu próprio apartamento, era independente, e apesar do famoso relacionamento com Sartre, a autora escolheu não se casar, desta forma, rompendo com amarras que prendiam diversas outras.

Com seu estilo de vida controverso e sua obra, ela acabou por inspirar outras mulheres dos anos 1960 a se erguerem mais uma vez e dar início à segunda onda do movimento feminista (a primeira onda foi o sufrágio mencionado anteriormente). Foi neste período que Betty Friedan se dedicou à pesquisa e à escrita do livro *The Feminine Mystique (A Mística Feminina)*, em

1963. Esse livro trazia uma discussão sobre a mulher que era esposa, dona de casa e que sentia um vazio o qual não sabia exatamente explicar o motivo, conforme podemos verificar:

‘Você acorda pela manhã com a sensação de que não tem sentido viver mais um dia dessa forma. Então você toma um calmante porque ele faz com que você não se importe tanto com o fato de não ter sentido.’ (FRIEDAN, 2020, p. 31).

Esse sentimento da falta de propósito assolava milhares de mulheres por toda a América desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Elas nasciam e dedicavam sua pouca juventude a aprender como ser uma boa mãe e boa esposa. Nem todas ingressavam na educação superior, mas as que iniciavam, tinham o maior intuito de encontrar um marido nas universidades e se dedicavam a matérias como economia doméstica para que pudessem aprender tudo que era necessário para dirigir um bom lar. Porém, elas não contavam com o fato de que aquilo não bastava. O ser humano necessitava de mais que apenas deveres domésticos para ser inteiro. Nas palavras de Friedan:

Minha tese é que o cerne do problema para as mulheres hoje não é sexual, mas um problema de identidade - um impedimento ou uma fuga do crescimento perpetuados pela mística feminina. Minha tese é que assim como a cultura vitoriana não permitia que as mulheres aceitassem ou satisfizessem suas necessidades sexuais básicas, nossa cultura não permite que as mulheres aceitem ou satisfaçam suas necessidades básicas de crescer e realizar seu potencial como seres humanos, uma necessidade que não é definida apenas por seu papel sexual. (FRIEDAN, 2020, p. 86).

No trecho citado acima, Friedan aponta que as mulheres não estavam conseguindo atingir seus potenciais e necessidades básicas, não estavam conseguindo ser seres humanos em sua plenitude, pois, não era isso que a sociedade queria delas, muito pelo contrário, elas haviam de ser sempre complacentes, submissas e dispostas a realizar os desejos dos maridos e dos filhos. Tinham de se sentir realizadas através de suas obrigações domésticas e deveres como mãe, elas não sabiam que podiam querer mais e então, ficavam sentindo-se vazias sem conseguir entender exatamente o porquê.

Dessa maneira, elas se dedicavam na limpeza da casa com eletrodomésticos cada vez mais sofisticados, costuravam roupas para seus filhos, cozinhavam jantares mais rebuscados para a família, e ainda assim, ficava um vazio, mas elas não buscavam se educar mais sobre esse sentimento que as alastrava, pois, “A mística feminina transformou o ensino superior para mulheres em algo suspeito, desnecessário e até mesmo perigoso.” (FRIEDAN, 2020, p. 451),

a sociedade não queria que elas obtivessem informações, e que, tampouco, buscassem mais informações acerca do problema, menos ainda que preenchessem esse vazio com educação e trabalho, afinal de contas, elas tinham de estar em casa, esperando por seus maridos.

Com o passar do tempo, as mulheres foram despertando daquele sono que foi estudado com tanto afincio por Friedan, então, elas retornaram à educação, buscaram trabalhos, se posicionaram em organizações que defendiam os direitos das mulheres, passaram a dividir os trabalhos domésticos com os maridos, perceberam que necessitavam de seu próprio espaço para ser alguém além da esposa dona de casa. Aos poucos, essas mulheres foram se libertando da mística. Mas, depois de libertas, elas foram novamente presas em uma outra gaiola, desta vez, a da estética, com a evolução da mídia e seus veículos, perpetuou-se um padrão de beleza cada vez mais inalcançável, as mulheres tinham de se sujeitar a diversos procedimentos estéticos para se sentirem bonitas e ao perceber isso. Em 1991, foi lançado o livro, que acaba por encabeçar a terceira onda do movimento feminista, *The beauty myth: how images of beauty are used against women* (*O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*), da autoria de Naomi Wolf, nele vai ser apontado que o que é considerado belo, muda com o passar do tempo, pois essas qualidades:

[...] são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O *mito da beleza de fato sempre determina o comportamento, não a aparência*. A competição entre as mulheres foi incorporada ao mito para promover a divisão entre elas. A juventude e (até recentemente) a virgindade são “belas” nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é “feio” porque as mulheres, com o passar do tempo, adquirem poder e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. E o que é mais instigante, nossa identidade deve ter como base nossa “beleza”, de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nossa autoestima, esse órgão sensível e vital, exposto a todos. (WOLF, 2020, p. 31).

Ou seja, a cada período vivido pelos seres humanos, haverá uma categoria a ser considerada bela e esse ideal de beleza é imposto de forma mais direcionada às mulheres devido a nossa sociedade patriarcal que segue exigindo ideais inalcançáveis e sem possibilitar autonomia a essas mulheres e ainda, procura atingi-las no cerne de sua identidade, para que elas sigam sendo consumidoras de produtos e procedimentos, sem racionalizar a “necessidade” deles, sem avaliar se é algo que elas realmente querem ou se estão apenas tentando preencher critérios que eram impossíveis de serem preenchidos, afinal:

[...] mulheres esbeltas e mulheres acima do peso comentaram o sofrimento decorrente de tentativas de atingir os ditames da magreza ideal; negras, não brancas e brancas - mulheres que pareciam ser modelos - admitiam saber, desde seus primeiros pensamentos conscientes, que o ideal era ser alta, magra, branca e loira, com um rosto sem poros, sem assimetrias nem defeitos; uma mulher totalmente “perfeita”, alguém que não eram. (WOLF, 2020, p. 13).

Não estava e ainda não está em alta a busca pela mulher real e ao perceber isso, veio a terceira onda feminista, de modo a sugerir que as mulheres tivessem a liberdade de escolher serem loiras, magras, gordas, com seios fartos ou não, a busca era para que elas fizessem procedimentos estéticos apenas se fosse o desejo delas e não porque a sociedade achava bonito (!), assim como a autoaceitação. A partir daí, as mulheres procuraram se tornar mais empoderadas, independentes, a terem mais amor-próprio e no lugar de se submeterem a padrões impostos, lutarem contra eles e serem elas mesmas; passando a amar seus cabelos, sua tonalidade de pele e corpos.

Porém, o feminismo não possui apenas uma vertente, uma direção, ele é interseccionado,

A Interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2020, p. 19).

O que torna-se evidente por meio do feminismo negro o qual muitas vezes não foi contemplado pelo feminismo branco que chegou a desconsiderar, em algumas fases, a mulher negra como ser humano, então, na luta pela igualdade de gênero e raça, houve a intersecção do feminismo em feminismo negro que possui grandes nomes e obras como Angela Davis em *Women, Race & Class (mulheres, raça e classe, 1981)*, Djamila Ribeiro (*Quem tem medo do feminismo negro?*, 2018), Chimamanda Ngozi Adichie em *We Should all be feminists (Sejamos todos feministas, 2014)*, bell hooks em livros como *Feminist Theory: From Margin to Center (Teoria Feminista: da Margem ao Centro, 1984)*, que mostram além da luta da mulher contra o patriarcado, a grande luta de raças e de classes.

Outra vertente feminista que está crescendo e ganhando mais voz, é o feminismo trans ou “transfeminismo”. As mulheres trans² não recebem o mesmo tratamento que a mulher cisgênero que é considerada uma mulher “de verdade” devido ao sexo biológico designado,

² Trans irá funcionar como um termo guarda-chuva que contemplará mulheres transsexuais, transgênero, travestis, etc.

elas não possuem as mesmas oportunidades e também são vítimas do machismo e sexismo, então, o movimento trans se tornou uma intersecção do movimento feminista que vem combatendo os ideais de feminilidade há um bom tempo, assim como vem buscando liberdade e empoderamento como evidencia-se no trecho abaixo:

O transfeminismo reconhece a intersecção entre as variadas identidades e identificações dos sujeitos e o caráter de opressão sobre corpos que não estejam conforme os ideais racistas e sexistas da sociedade, de modo que busca empoderar os corpos das pessoas como eles são (incluindo as trans) idealizados ou não, deficientes ou não, independentemente de intervenções de qualquer natureza; ele também busca empoderar todas as expressões sexuais das pessoas transgênero, sejam elas assexuais, bissexuais, heterossexuais, homossexuais ou com qualquer outra identidade sexual possível. (JESUS; ALVES, p. 8, 2010).

A história do feminismo é longa e rica, não é feita apenas através de uma corrente de pensamento. É um movimento que combate à opressão contra as mulheres, à violência, o preconceito de classe, de raça, de sexualidade, que procura a libertação e autonomia a todas e todes que estão presas em gaiolas que nunca chegaram a ser de sua própria criação.

1.2 A mulher literária

A trajetória da mulher feminista, lutadora por direitos iguais, foi e ainda é longa e pedregosa. Essa luta por uma voz é tão grande que abrange os campos literários, pois por muito tempo, as obras literárias escritas por mulheres, tiveram pseudônimos masculinos, chegando às vezes a ter a autoria completamente tomada pelos homens, como é o caso da grande obra *Frankenstein: or the Modern Prometheus* (*Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, 1818) escrita por Mary Shelley, filha de Mary Wollstonecraft, a autora d'*A Reivindicação dos Direitos da Mulher* já mencionada anteriormente. Ela teve sua obra publicada sob à autoria de seu marido, Percy Shelley; mais tarde o pai da autora, que era dono de uma livraria, publicou uma nova edição com a autoria correta, atribuindo-a à filha. Inicialmente, ninguém acreditava que uma mulher poderia ter escrito uma obra como aquela que trazia uma história de terror, não era algo “feminino” para uma mulher, além de Percy já ser um escritor conhecido, somados esses fatores, a autoria foi atribuída a ele antes da segunda edição ser impressa. Percebe-se que foi um processo difícil e complexo para a autora enfrentar.

Podemos constatar que foi uma longa jornada para ter os nomes delas embaixo dos grandes títulos literários, principalmente, as mulheres autoras que criavam personagens que tinham um pensamento que poderia ser considerado subversivo para a época. Aliás, essa luta vai e foi além do simples uso de pseudônimos ou heterônimos, mas sobre a forma de reafirmar, ser e estar mulher no mundo, uma forma de enfrentamento a tantas barreiras impostas como o racismo, machismo, misoginia, transfobia, etc.

Outro exemplo disso foi Jane Austen (1775-1817), uma escritora britânica, que sempre mostrou uma tamanha afinidade com as letras, pois, embora muito jovem, já havia escrito sua primeira obra literária aos 17 anos, *Lady Susan* que se tratava de uma novela acerca das relações pessoais dos que viviam naquele tempo, um estilo que podemos ver perdurar na vida da autora, pois, em seus grandes títulos, sempre podemos observar a descrição da vida burguesa daquele tempo. Mais tarde, a autora escreveu *Pride and Prejudice* (*Orgulho e Preconceito*, 1813) e *Sense and Sensibility* (*Razão e Sensibilidade*, 1811), porém, ao tentar publicá-los, foram rejeitados com a autoria em seu nome, até que, posteriormente, fosse publicado sob a autoria de “*A Lady*” (Uma senhora).

Como já fora dito, o estilo de escrita de Jane Austen era permeado pela descrição do estilo de vida da época, ela sempre carregava ironias sutis em suas obras ao descrever os cenários provincianos, além de quebrar uma grande barreira para a época em que a mulher havia de se casar por dinheiro, ela decidiu trazer personagens que se recusaram a casar com senhores que não tinham afinidade com elas, homens pelos quais elas não conseguiam sentir afeição. Ela decidiu mostrar mulheres que se casavam por amor e recusavam propostas mesmo que fosse contra o desejo das famílias.

De maneira igual, trouxe personagens de personalidades fortes, geniosas e que não eram submissas, como acontece em sua obra *Emma* (1815), com a protagonista do mesmo nome que o título, observamos a vida e as relações de Emma, uma jovem da sociedade burguesa, que se dedica a diversas atividades, principalmente, a de “casamenteira” em seu círculo social. Enquanto ela tentava encontrar um parceiro que julgava ser a altura de sua querida amiga, Harriet, a própria protagonista fica diante de algumas propostas indesejadas. Em diversos momentos do romance, ela destaca que é possível sim que uma mulher recuse uma proposta de um homem:

[...] é quase impossível para um homem acreditar que uma mulher possa recusar uma proposta de casamento. Os homens sempre pensam que as

mulheres estão dispostas a aceitar qualquer proposta, de quem quer que seja e a qualquer momento. (AUSTEN, 2012, p. 81).

Numa época que era incomum esse tipo de atitude, ela já julgava ser absurdo que os homens ainda pensassem daquela forma. Tanto é que a personagem não só consegue arranjar um pretendente para a amiga que houvesse uma conexão de amor recíproco, mas ela mesma se casa com o homem pelo qual ela se apaixonou. Isso hoje parece algo simples e pequeno, mas naquela época era escandaloso de se ler, principalmente sob a autoria de uma mulher.

Mais tarde, três irmãs que consideradas como as três maiores escritoras inglesas, vieram a ser autoras publicadas sob pseudônimos masculinos (Currer, Ellis e Acton Bell). As famosas irmãs Brontë (Anne, Charlotte e Emily Brontë) não puderam publicar suas obras sob autoria feminina devido a sociedade da época como já explicado anteriormente. Ao longo do percurso literário das irmãs, podemos destacar duas obras transgressoras para aquele tempo, primeiramente, *Jane Eyre* (1847) da autoria de Charlotte Brontë, este foi um romance particularmente revolucionário por fazer algo que havia sido feito tão pouco naquele tempo, ele apresentou uma personagem que gritava numa época em que as mulheres não podiam ter voz.

Jane é uma mulher que teve uma história de vida muito difícil, uma órfã criada por uma tia que a odiava, foi vítima de diversos maus tratos por parte da parenta, até que foi mandada para um internato cristão de meninas, no qual foi submetida a mais abusos até alcançar a idade adulta e se tornar professora naquela mesma escola. Passado um tempo, ela decide se candidatar a um trabalho de professora de uma menina, Adele, que vivia numa mansão com sua governanta e um tio ausente.

Então, ela deixa a escola e passa a viver na casa em que acompanha e ensina a menina. Ao longo do enredo, porém, ela acaba cultivando uma amizade com o senhor da casa, Eduard Rochester, que eventualmente se apaixona por ela e pede-a em casamento. Tendo aceitado o pedido, Jane, que sempre foi intempestiva e julgada como “geniosa” desde sua infância, se viu desaparecer sob os desejos de Rochester. Ela acabou se moldando ao que ele queria que ela fosse, ante a ideia que ele construiu de que tipo de mulher ela deveria ser, e no momento que ela decidiu findar o noivado, ela disse uma frase que até hoje ecoa e é altamente transgressora para aquele período “Não sou um pássaro, e rede alguma me prende; sou um ser humano livre, e de arbítrio independente, que agora exerço para deixá-lo.” (BRONTË, 2018, p. 298).

Naquele tempo, uma mulher que ousasse dizer isso para algum homem, principalmente, ao levar em consideração a discrepância entre a classe social dos dois, ele rico e ela pobre, seria

motivo suficiente para ela aceitá-lo num piscar de olhos, mas não Jane, pois, não estava disposta a abrir mão de si mesma por ele, não se submeteria ao papel de boa esposa angelical e submissa como ela mesma pontua ao dizer: “Não sou um anjo - afirmei - ; e nem serei até morrer: serei eu mesma. Sr. Rochester, o senhor não deve esperar nem exigir nada celestial de mim... pois não vai receber” (BRONTË, 2018, p. 305). Como uma mulher ousava dizer que jamais seria um anjo diante de um estigma tão forte sobre as mulheres, de que elas deveriam ser angelicais, dóceis e submissas?

Mesmo correndo o risco de ter sua “imagem” arruinada, Jane deixa o Senhor Rochester com pouco mais que nada e vive procurando abrigo nas ruas por um tempo, até ser acolhida em meio à uma tempestade por um pastor, St. John, e suas irmãs que mais tarde ela descobre ter uma ligação sanguínea. Depois de uma longa história, Jane acaba recebendo uma herança que seria suficiente para dividir com esses familiares recém-descobertos e também para sustentá-la de maneira confortável no decorrer de sua vida, porém, algo que ela não contava acontece, St. John, seu primo, faz uma proposta de casamento a ela.

Novamente, Jane se encontrou na mesma encruzilhada de ter de escolher entre si mesma ou se dobrar ao que a sociedade esperava dela, no entanto, mais uma vez ela escolhe a si mesma, pois não acreditava naquela relação que fora oferecida a ela e que fora recusada com bastante firmeza ao dizer “- Desprezo a sua ideia de amor [...]. - Desprezo o sentimento falso que oferece. Sim, St. John, e desprezo você quando me propõe algo assim.” (BRONTË, 2018, p. 474). Então, Jane resolve viver só, ensinando, tendo sua independência, até se reencontrar com o Sr. Rochester e dá-lo uma nova chance, mas ainda assim, permanecendo fiel a si mesma.

Jane Eyre não era o tipo de personagem feminina comum nos livros da época e talvez até nos de hoje. Ela sempre se manteve verdadeira a si mesma e se negava a submeter-se ao que era esperado dela pela sociedade. Ela questionava esse padrão, de modo que:

Das mulheres se espera que sejam muito calmas, de modo geral. Mas as mulheres sentem como os homens. Necessitam exercício para suas faculdades e espaço para seus esforços, assim como seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, com uma estagnação absoluta demais, exatamente como sofreriam os homens. E é uma estreiteza de visão por parte de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas deveriam se confinar a preparar pudim e tricotar meias, a tocar piano e bordar bolsas. É insensato condená-las ou rir delas se buscam fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou necessário ao seu sexo. (BRONTË, 2018, p. 137).

Como podemos perceber, esse foi um romance emancipador, pois Jane era dona de suas próprias decisões e tinha uma mente livre. Ela exercia sempre seu poder de escolha como

pudemos observar em várias ocasiões. Este romance foi um marco feminista e até hoje segue sendo estudado por esse viés. E ainda neste mesmo campo, seguiu a narrativa da irmã da autora, Anne Brontë que trouxe uma narrativa muito à frente de seu tempo ao escrever a obra *The Tenant of Wildfell Hall* (*A Inquilina de Wildfell Hall*, 1848) que traz a história de Helen Graham, uma mulher misteriosa que aluga uma casa em *Wildfell Hall* com seu filho pequeno, porém, sem um marido, então, a vizinhança observa-a constantemente e espalha diversos rumores sobre a natureza da concepção do menino, se o pai estaria vivo ou não, se ele havia casado com ela ou havia sido apenas um caso, e muitos julgavam a mulher sem nem sequer conhecê-la.

Porém, ela havia se casado com um homem alcoólatra e cruel, então, ela exerceu sua escolha de deixá-lo e recomeçar em outro lugar, ela tem seu próprio sustento e é independente. Esta obra foi polêmica e podemos tomar essa conclusão apenas pela observação de como esse enredo se constrói, baseado em uma mulher separada, mas sua polêmica não finda apenas em Helen Graham e sua história, mas também, nas palavras da própria autora ao afirmar em seu prefácio que:

Todos os romances são, ou deveriam ser escritos para que tantos homens quanto mulheres o leiam; e eu não saberia o que dizer ao tentar conceber como um homem se permitiria escrever algo que pudesse ser realmente ofensivo para uma mulher ou por que uma mulher devesse ser censurada por escrever algo que fosse próprio e adequado para um homem. (BRONTË, 2015, p. 6).

De fato, por que era (e ainda é) considerado ofensivo que mulheres escrevessem sobre assuntos que poderiam ser considerados para homens? Por que elas tinham de viver essa censura? Com esse questionamento, podemos nos lembrar da grande autora Virginia Woolf (1882-1941), também britânica e transgressora, é a autora de grandes títulos, como *Mrs. Dalloway* (1925), *A room of one's own* (*Um teto todo seu*, 1929), *Orlando: a biography* (*Orlando*, 1928). Foquemos na segunda obra citada, *Um teto todo seu*, que foi um ensaio da autora com a compilação de palestras que ela havia proferido em 1928 pelas faculdades Newnham e Girton da Universidade de Cambridge, que direcionavam sua educação para mulheres, e essas palestras giravam ao redor da crítica sobre o ambiente que era proporcionado para as mulheres produzirem suas escritas.

Ela foi convidada para discursar acerca das mulheres e ficção, mas ela foi além do que fora pedido sobre análises de aspectos literários em grandes obras de autorias femininas como *Emma* e *Jane Eyre*, ela fez uma crítica acerca da falta de liberdade que a mulher tinha na criação

literária. Nessa obra revolucionária, ela chega a criar uma irmã fictícia para Shakespeare, que tinha tanto potencial quanto o autor, porém, sua escrita nunca fora julgada importante por ser mulher e ela segue a jornada dessa personagem fictícia até sua eventual morte. Essa personagem seria uma escritora frustrada porque ninguém naquela sociedade enxergaria seu potencial, pois a mulher era vista como inferior ao homem:

As mulheres têm servido há séculos como espelhos com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. Sem esse poder, provavelmente a terra ainda seria pântanos e selvas. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Estaríamos ainda rabiscando o contorno de gamos em restos de ossos ovinos e trocando sílex por pele de cordeiro ou qualquer ornamento simples que despertasse nosso gosto sem sofisticação. Super-Homens e Dedos do Destino nunca teriam existido. O tsar e o cáiser nunca teriam usado coroa nem a teria perdido. Seja qual for o seu uso nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as ações violentas e heroicas. É por isso que tanto Napoleão quanto Mussolini insistiam tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, se elas não fossem inferiores, eles deixariam de crescer. (WOOLF, 2014, p. 54-55).

Como pode ser visto, Woolf já criticava essa visão de que as mulheres eram inferiores ao homem. Ela foi uma das principais autoras feministas e foi de tamanha importância para o movimento através de seus posicionamentos, palestras e obras publicadas, ela participou da luta e causou grande impacto. Woolf sempre procurou transgredir, em suas obras, querendo romper barreiras, sejam de ordem social ou estilísticas, sendo conhecida também por seus fluxos de consciência e estilos experimentais, mas neste caso, levaremos em consideração a barreira rompida de ordem social na obra *Orlando* (1928), este livro conta a história de um personagem chamado Orlando, que é um jovem nobre, até o fim da sua vida que durou aproximadamente 350 anos.

Porém, a obra acabou se tornando de tamanha importância para os estudos de gênero porque: “Espreguiçou-se. Levantou-se. Ficou de pé completamente despido diante de nós, e enquanto as trombetas soavam Verdade! Verdade! Verdade! Verdade! não temos escolha senão confessar - ele era uma mulher.” (WOOLF, 2018, p. 83). Woolf teve a ousadia de criar uma personagem trans, uma personagem que tornou-se uma mulher e não uma mulher que seguia o padrão pré-determinado, uma mulher que usufruía de sua sexualidade, chegando a ter relações homossexuais. Como podemos notar, Virginia foi uma mulher transgressora, empoderada e emancipadora.

Mary Ann Evans, também britânica, utilizou-se do pseudônimo de George Eliot, de modo que essa mudança não ocorrera apenas para conseguir a notoriedade que era tão vinculada aos

homens, mas sobretudo, para evitar que sua vida pessoal estivesse sob à mira de holofotes indesejáveis. Ainda sobre essa característica de adotar pseudônimos masculinos, algumas mulheres brasileiras também merecem destaque, dentre as quais cabe ressaltar Nair de Tefé, que além de pianista, atriz e cantora, era cartunista e utilizava-se de um nome falso, Rian, para assinar suas produções.

Já na contemporaneidade, temos diversas autoras que seguem rompendo com narrativas moldadas pelo patriarcado, podemos citar Chimamanda Ngozie Adichie, uma jovem autora nigeriana, que está lutando pelos direitos feministas, contra o racismo e violência, podemos ver essas características presentes em todas as suas obras, como *The Thing Around your Neck* (*No seu pescoço*, 2009), coletânea de contos sobre, em sua maioria, mulheres nigerianas que lutam em relacionamentos abusivos, violência, preconceito racial, de classe e de gênero; *Purple Hibiscous* (*Hibisco Roxo*, 2003) que narra a história de Kambili e sua família que vivem sob a violência constante do pai, a opressão da religião católica e a luta contra o embranquecimento cultural; *We should all be feminists* (*Sejamos todos feministas*, 2014), ensaio sobre a sua trajetória de mulher negra e feminista.

Também podemos citar Louise O'Neill que reescreveu o conto de fadas de Andersen “A pequena Sereia” sob uma ótica feminista no livro *The surface breaks* (*A Pequena Sereia & O Reino das Ilusões*, 2019), porém, aqui temos a jovem sereia, Gaia, mas chamada pela família de Muirgen, que deseja se libertar do reinado de opressão de seu pai, que é o Rei dos Mares, do casamento arranjado com um tritão que constantemente assedia a jovem, então, ela acaba procurando pela bruxa do mar para torná-la humana, depois dela ter se apaixonado por um príncipe que viu e resgatou de um naufrágio. Essa versão, no entanto, terá um final diferente do que conhecemos pelo filme da Disney e Andersen, aqui todas as personagens são aprofundadas e fora dos moldes que conhecemos, pois em todos os momentos somos lembradas da luta contra a opressão vinda da cultura machista, como no seguinte trecho:

Meu nome é Ceto”, rebate ela, se levantando da cadeira até se assomar diante de mim. “É o seu pai que tem insistido em me chamar de ‘bruxa’. Este é simplesmente um termo que os homens dão às mulheres que não têm medo deles, às mulheres que se recusam à submissão. (O’NEILL, 2019, p. 89).

Enquanto isso, no Brasil, Josefina Álvares de Azevedo e Nísia Floresta foram sufragistas, além de autoras que procuravam se desvencilhar de modelos de escrita europeus e exaltar o nacionalismo, na escrita romântica do século XIX encontraremos esse elemento mais presente na literatura feminina. Josefina, como já fora pontuado, publicou a peça “*O voto*

feminino” (1878) e Nísia publicou romances e poemas na época romântica, são autoras transgressoras, por terem sido mulheres que publicaram literatura à época e por terem lutado por seus direitos.

Outra autora brasileira que vem sendo subestimada pelo cânone literário até hoje é Maria Firmina dos Reis que escreveu o romance *Úrsula* (1859), considerado por alguns historiadores como o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, que narra a história de uma personagem de mesmo nome que tem uma vida muito difícil, pois seu tio se apaixona por ela e está determinado a tomá-la como esposa, queira ela ou não (ela não quer), e ela se apaixona por outro com quem chega a se casar, porém ele foi assassinado por esse tio, na frente dela, depois de inúmeras intempéries impostas pelo tio e pela vida, ele acaba conseguindo forçar a união, porém isso custa a sanidade de Úrsula. Essa obra não recebeu o devido reconhecimento por duas razões: a princípio por ser literatura feminina; e posteriormente, Maria Firmina era uma mulher negra em um país machista e racista, o que acabou tendo como resultado, a obra desmerecida. Diante disso, encontramos mais uma mulher que valia-se de um pseudônimo para escrever, no caso de Maria Firmina, sempre assinava seus textos como “uma maranhense”.

Já em um Brasil mais contemporâneo, podemos encontrar autoras feministas de grande renome, como Conceição Evaristo que escreveu obras como *Olhos d'água* (2014) que é uma coletânea de contos que retratam a pobreza, violência, discriminação racial e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), coletânea de contos que trazem as histórias de mulheres que sofreram violências sexual, doméstica, por conta do gênero, da cor, da condição social, entre outras. Outra autora nacional que podemos citar que também segue nessa luta pelas mulheres é Djamilia Ribeiro, autora do livro *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), que vai refletir esta intersecção do feminismo a partir de sua história de vida, como a trajetória para aceitar seus cabelos afros num lugar em que todas as meninas tinham cabelos lisos, entre tantas outras batalhas que a mulher negra tem de lutar e vencer.

O que podemos concluir é que a luta da mulher abrange diversos campos, o literário, filosófico, social, político, entre tantos outros. E neste percurso, vimos que a literatura tem sido um lugar de resistência utilizado para fazer com que a voz das mulheres ressoe nessa luta pela mudança da sociedade, como uma arma perigosa contra a dominação da cultura patriarcal, uma ferramenta que fez com que muitas enxergassem a si mesmas e o seu lugar no mundo, a fim de lutar contra a perpetuação da opressão. A literatura rompeu com a ideia imposta do que deve ser feminilidade e fez a mentalidade feminina transcender para seu lugar de direito, o de questionar, libertar, falar, de ser humana e de ser igual.

Todo esse embate não se deu apenas na literatura que consideramos “adulta”, ela também se fez muito presente na literatura infantil e juvenil. Apesar de serem recentes, também tiveram uma longa caminhada até chegar em uma visão mais libertadora e com personagens mais independentes e empoderadas.

Nos contos de fadas que costumávamos ouvir na infância, tanto nas versões dos irmãos Grimm, quanto nas de Hans Christian Andersen e da Disney, as protagonistas costumavam se comportar de uma maneira submissa e dificilmente mostrando comportamentos transgressores, evidenciando costumes e comportamentos do seu tempo. Por exemplo, os irmãos Grimm reescreveram a *Gata Borralheira* (a famosa Cinderela da Disney) que vivia em uma situação de abuso e violência, mas que não considerou escapar, apenas se subjugou às ordens da madrasta e das meias-irmãs, a única salvação que ela pôde encontrar foi se casar com o príncipe e mesmo quando a fada madrinha apareceu com a oportunidade de concretizar algum desejo, ela pede um vestido para o baile, ao invés da libertação, condições melhores, entre diversas possibilidades.

Esse era um padrão muito contundente nas obras de séculos passados, porém, também nesse campo literário, mais recentemente, acompanhando as transformações sociais e culturais, encontramos escritoras transgressoras, como Lygia Bojunga que em *A Bolsa Amarela* (1976) teceu uma protagonista com sonhos que não “lhe cabiam”, pois eram diferentes daquilo que era esperado de uma garota, ela queria ser escritora, queria ser um menino e ser gente grande. É a partir desses desejos que a autora conduz a narrativa de uma menina que está se encontrando e procurando sua própria libertação, algo que também podemos observar em *The Secret Garden* (*O Jardim Secreto*), de Frances Hodgson Burnett, (1911) onde nos deparamos com o desenvolvimento da independência da pequena protagonista, ao perceber que ela não deve depender dos cuidados de terceiros para conseguir velejar pelo cotidiano. E assim, a história continua, com muitas personagens se descobrindo, reafirmando, transgredindo e crescendo ao longo da literatura infantil e juvenil, conforme discutiremos no próximo capítulo.

2. ELA, A MULHER REPRESENTADA

Sabe-se que a mídia em seus diversos veículos não abraça todos os tipos de mulheres, que a partir daí, junto a um pensamento capitalista e patriarcal, um padrão estético de beleza

foi criado para que as mulheres se submetessem ao mesmo. Tendo isso em vista, este capítulo procurará adentrar um pouco nesta discussão, trazendo reflexões acerca da representação das mulheres e das meninas dentro da literatura, da televisão, da música.

Também pretendemos mostrar o impacto que certas vertentes feministas possuem dentro da vida de uma mulher e como são necessárias para que ela não se sinta oprimida a sucumbir àqueles padrões.

Procuramos também trazer críticas e reflexões sobre a falta de representatividade assim como mostramos a importância da representação para a formação de uma mulher, uma menina e que todes se sintam bem consigo e empoderades graças a algo que muitos consideram tão pequeno, mas que, na verdade, é uma amostra de que todes têm um lugar no mundo.

2.1 A representação da mulher e da menina

Quantos comerciais assistimos por dia em que aparece uma mulher magra, de cabelos lisos, com a pele branca ou com aquele bronzeado “invejável”? Ou quantos anúncios de *lingerie* vemos mulheres que não têm uma marca sequer na pele, com seios fartos enchendo sutiãs de renda, seguidos por um abdômen definido? Provavelmente, a resposta vai ser “mais vezes do que gostaria”, e por que a resposta vem com uma entonação negativa? Por que, afinal, onde se encaixam as mulheres em sua totalidade? Por que continuamos vendo comerciais até de marcas infantis que escolhem crianças de peles brancas, olhos azuis e cabelos loiros? Quantas vezes uma menina negra irá ligar a televisão e dizer “olha, ela é que nem eu!”? ou quando as meninas acima do peso poderão se sentir bem nos próprios corpos sem sentir aquele terror de engordar se comer mais um biscoito?

A mídia, como já apontado anteriormente, segue perpetuando um ideal de beleza inalcançável há mais tempo do que podemos sequer imaginar. Não importa aonde a mulher vá, ainda não será suficiente aquela aparência que ela tem, ainda terá algo a ser melhorado. É algo injusto e que a maioria dos homens não devem sofrer com tanta intensidade, pois:

Essa injustiça é apresentada às mulheres como algo imutável, eterno, correto e que tem origem nelas mesmas, que lhes pertence tanto quanto sua altura, a cor de seu cabelo, seu sexo e formato de seu rosto. (WOLF, 2020, p. 91).

Ora devem ser mais altas, ora mais baixas, devem ter partes do corpo fartas, mas mantendo uma barriga lisa. É algo tão irreal que é impossível de todas as mulheres conseguirem

e deveria ser algo que elas não sentissem a necessidade de ser. Pois, são diversas. E onde entra a representação da mulher trans? Da menina trans? Por que elas e elas continuam a ser tratadas como aberrações e até mesmo doentes? São nestes questionamentos e momentos que o feminismo se posiciona, ele tenta mostrar a todas que:

A corrente transfeminista teria uma visão “body-positive”, isto é, de reconhecer e valorizar diferentes formas de corpos, isso implica no fato de pessoas trans poderem reivindicar a feminilidade/masculinidade mesmo sem se submeterem a mudanças corporais radicais, implica também em valorização de outros corpos que não se adequam aos padrões estéticos hegemônicos, corpos que não são malhados, não são magros e até corpos que são lidos pela sociedade como “defeituosos” ou “deficientes” são valorizados. O feminismo seria, então, uma ferramenta para as pessoas trans ressignificarem o seu corpo e a si mesmxs” (COACCI, 2015, p. 153).

Não deveria importar à sociedade, a forma dos corpos das mulheres, da mesma maneira que deveria haver a liberdade da construção de suas identidades. A feminilidade de uma mulher não deveria ser medida pelas roupas que ela veste, pela dieta que faz, pela maquiagem que usa, mas, infelizmente, a realidade que vivemos dita “para cada ação feminista há uma reação contrária e de igual intensidade por parte do mito da beleza” (WOLF, 2020, p. 50), ou seja, quando alcançam um espaço, conquistam algo da luta, haverá um contratempo.

No campo ideológico, elas não podem ter tudo, a maternidade há de vir em primeiro lugar, elas devem acreditar que são mais frágeis que os homens, as meninas já brincam de “casinha”, como se fosse uma espécie de treinamento para a futura vida de dona de casa; no campo profissional, as mulheres têm menos oportunidades, quando negras menos ainda, as trans são sujeitas a viver eternamente com medo de serem descobertas e perderem seus empregos, que foram tão difíceis de conquistar. E, suponhamos que elas todas conseguissem vencer essas adversidades, o que acontece? “A “beleza” passa a ser condição para que a mulher dê o próximo passo. Vocês agora estão ricas demais. Logo, nunca chegarão a estar magras o bastante.” (WOLF, 2020, p. 51).

Parece que a aceitação das mulheres na sociedade nunca chega, quando elas pensam que a alcançaram, um novo empecilho aparece, e por que esse ciclo segue se perpetuando? Wolf (2019, p. 51) ainda vai apontar que “trata-se do medo de que a força feminina de uma corrente direta de energia feminina numa *frequência feminina*, destrua o equilíbrio do sistema.” Pois, por que eles iriam querer a mudança nesse sistema que já é tão bondoso para os homens? É a partir das inseguranças das meninas e mulheres que conseguem lucrar com procedimentos estéticos, produtos, roupas, cosméticos, dessa forma parte da “riqueza” conquistada por elas,

há de voltar para os homens. E é quase impossível de resistir com tantas propagandas, com tanto *marketing* feitos ao redor do “corpo dos sonhos”, “corpo do verão”, “corpo perfeito”. E é com esse constante bombardeamento de informações e de imagens autodepreciativas que vem esta repressão aliada aos ritos de beleza, pois, como mostra Wolf:

Os Ritos da Beleza conseguem isolar as mulheres tão bem porque ainda não é publicamente reconhecido que as devotas estão presas a algo mais sério do que uma moda e de maior penetração social do que uma deformação pessoal da própria imagem. Os Ritos ainda são descritos em termos do que realmente representam: um novo fundamentalismo, que torna o Ocidente secular tão repressor e dogmático quanto qualquer correspondente seu no Oriente. (WOLF, 2019, p. 134).

Tomemos como exemplo disso uma serie de televisão mundialmente conhecida, *Friends* (1994-2004) em que uma das protagonistas passou boa parte da sua vida com obesidade, mas que era constantemente alvo de piadas, rejeição pelo fato da sua gordura, até que ela se sente pressionada a perder aquele peso para agradar um homem, que fez piadas sobre seu peso por trás dela. Ainda sobre a série, podemos perceber as incessantes piadas transfóbicas acerca da personagem Helena, “pai” do protagonista Chandler, ela era uma mulher trans e constantemente era o alvo de piadas maldosas. Isso aconteceu numa época em que o transfeminismo já era uma corrente presente nos Estados Unidos e vivemos em épocas que há muito já deveria ser desnecessário termos para explicar que:

O transfeminismo acredita que existem tantas formas de se ser mulher como existem mulheres e que devemos ser livres para tomar as nossas próprias decisões sem culpa. Para tal, o transfeminismo confronta as instituições políticas e sociais que inibem ou condicionam as nossas escolhas individuais, enquanto se recusa a culpar as mulheres individualmente por decisões pessoais. (KOYAMA, 2003, p. 3).

E dessa forma a sociedade segue condicionando que as mulheres negras com cabelos afro tenham que fazer alisamentos, que as mulheres trans têm “algo de errado”, que as mulheres gordas têm de ser magras, inclusive, um caso relatado por Wolf é de extrema importância para a discussão: Em 1971, um juiz sentenciou uma mulher a perder 1,5 quilo por semana ou ser presa. Em 1972, foi estabelecido que a “beleza” era algo que podia, sob o ponto de vista legal, fazer com que as mulheres ganhassem ou perdessem um emprego. (WOLF, 2020, p. 55). Até que ponto essa hierarquia do patriarcado irá retirar a liberdade de ser e estar das mulheres?

Ainda há a presença de questionamentos de por que é necessário que essas mulheres sejam representadas, afinal, por que elas não se calam e aceitam? Por que a mulher ainda segue numa condição de inferioridade por suas diferenças?

E nessas representações, cabe ao gênero feminino as tarefas e qualidades menos valorizadas socialmente, já que lhe é imputado um status inferior, estabelecendo-se uma hierarquia entre um gênero e outro com base em tais imagens, tão fortemente enraizadas na cultura, fica difícil perceber e aceitar alguém fora desse perfil, gerando permanentes situações conflituosas. E mais acirradas quando alguém se manifesta de outra maneira. (AMARAL, 2004, p.17 apud RIBEIRO, A. E. M; ANDRADE, L. O de; COSTA, Y.K.M.; GIROTTO, C.G.G.S, 2015, p. 3).

Podemos ver que essas representações passivas e submissas acabam por ser de peso para as meninas, as jovens e as adultas, porque lhes foi posto a vida toda que a mulher não há de cobiçar grandes feitos, independência e liberdade. Ao contrário, elas devem se curvar ao mito da beleza e entender que coisas boas só a acontecerão se elas fizerem parte daquilo que a sociedade julga belo. É nesse ambiente que a mente das crianças tem se formado e é algo difícil, senão impossível de conviver, pois:

A menina aprende que as histórias acontecem a mulheres “lindas”, sejam elas interessantes ou não. E, interessantes ou não, as histórias não acontecem a mulheres que não sejam “lindas”.

Esses primeiros passos na educação da menina sobre o mito a torna suscetível às heroínas da cultura de massa da mulher adulta – as modelos nas revistas femininas. São essas modelos que as mulheres geralmente mencionam primeiro quando pensam no mito. (WOLF, 2019, p. 96).

As crianças se desenvolvem nesse mundo acreditando que coisas boas só hão de vir caso ela caiba nesse padrão estético e a mídia ajuda a solidificar esse pensamento ainda mais, pelo lucro, pelo capitalismo, pelo poder. E o ideal de beleza inalcançável vem desde as histórias para dormir com belas princesas que vivem em altas torres que esperam pacientemente para que príncipes as salvem à filmes atuais direcionados ao público juvenil, por exemplo, o filme “D.U.F.F. Você Conhece, Tem ou É” (2015) que temos uma protagonista que não se enquadra no padrão de beleza dominante na escola dela. Ela é amiga de duas meninas altas, magras, de belos cabelos, corpos “invejáveis” (para o mito), porém, ela é baixinha, um pouco acima do peso, o cabelo dela não se move com o vento e ela não desfila de salto pela escola, então, o filme gira em torno da tentativa de mudá-la para que ela fique mais parecida com as outras

meninas, para que assim consiga conquistar o garoto que gosta e ela se deixa levar, até perceber que ela deve ser aceita por si e não por imitar algum padrão estético.

Ainda sobre o filme, a abreviação D.U.F.F vai significar: *Designated Ugly Fat Friend* (Amiga feia e gorda designada), que é algo que a protagonista, Bianca, descobre ser. Mesmo sendo inteligente, tendo uma personalidade divertida, ela ainda não é suficiente. Esse filme teve um final diferente do que estamos habituados a ver nos dias de hoje, ela aponta que todos devem ser fiéis às suas identidades e que alguém sempre encontrará um defeito na próxima. E um filme assim pode ser revolucionário para crianças e adolescentes em formação, pois:

Para uma criança em processo de socialização na cultura ocidental, ela ensina que um grande homem arrisca tudo pela audácia intelectual, pelo progresso e pelo bem comum. No entanto, como uma futura mulher, a menina aprende que a mulher mais linda do mundo foi criada pelo homem, e que a audácia intelectual *dela* trouxe aos homens a primeira doença e a morte. O mito torna a menina que lê cética no que diz respeito a coerência moral das histórias de sua cultura. (WOLF, 2019, p. 95).

Neste caso, Wolf parece fazer uma referência a Eva que foi criada a partir da costela de um homem, Adão, por outro homem, Deus, mas por conta da sua curiosidade, o mundo inteiro foi condenado e paga até os dias atuais. Este mito perpetua a ideia de que a mulher não pode ter a audácia de querer mais e de ser mais, não pode permitir que sua curiosidade seja despertada diferentemente do homem que possui liberdade infinita. E por muitas vezes, as meninas começam sua educação a partir da familiarização com o mito de Adão e Eva que desde cedo já as encrusta à culpa do “pecado original”, a mulher é a sina do homem. Elas têm de se submeter para que este pecado possa ser devidamente penitenciado e dentro dessa lista de penitências, elas têm de:

[...] conscientemente ou não, promover o ódio das mulheres ao próprio corpo fazendo com que elas gerem lucro ao passar fome, já que o orçamento publicitário de um terço da conta de alimentos do país depende dos alimentos dietéticos. Os anunciantes que viabilizam a cultura feminina de massa dependem de as mulheres se sentirem tão mal com relação ao próprio rosto e corpo a ponto de gastarem mais em produtos inócuos ou dolorosos do que gastariam se se sentissem belas por natureza. (WOLF, 2019, p. 127).

Tem sido difícil achar representação positiva da aceitação do corpo das mulheres, pois, o que mais podemos ver é o oferecimento de tratamentos contra estrias, alisamentos capilares, limpezas de pele que prometem o sumiço de todos os poros, cintas modeladoras, *shakes* “ricos de nutrientes” para dietas líquidas, séries infinitas de exercícios físicos, tantas outras coisas que

a mulher chega a se matar de fome enquanto tem comida no armário; se leva a exaustão podendo apreciar seu tempo livre com exercícios saudáveis, caso deseje, ou com atividades recreativas que sejam de seu agrado ao invés de se matarem com exercícios que lhe prometem alcançar o corpo perfeito; se leva a falência com tratamentos estéticos que julga precisar quando na verdade a voz que a diz ser necessário não é a dela, mas a do patriarcado.

Mesmo sendo uma tarefa difícil, podemos encontrar esperança para essas crianças e adolescentes em formação ao nos depararmos com filmes conforme o citado anteriormente ou músicas que trazem letras que incentivem o empoderamento e amor próprio, um exemplo é a música *True* – Marina and The Diamonds (2019): Sempre disse que vamos ser verdade/ Nós nunca vamos mudar, nós nunca vamos mudar/ Eles nunca conseguiriam fazer melhor/ Do que quando nós estamos, estamos juntas/ Não precisa adicionar nada à sua pele, pele, pele/ Seja feliz no corpo em que você está, está, está/ Ser você mesma não custa nada, nada, nada/ Porque você não precisa de mais ninguém/ Quando você é verdadeira, verdadeira a si mesma/ Você é pele e osso, você é cheia de medo/ Mas você é apenas um ser humano/ (Não importa o que eles façam).³ Músicas, filmes, séries, livros que tragam pontos de vista como esse são importantes para que todas e todes possam perceber que não estão sós, que ser diferente é algo bom, que você pode se amar independente de tudo.

A sociedade precisa aceitar que todes somos diferentes e que não está certo tentar rotular todas as mulheres e colocá-las na mesma caixinha, também é preciso aceitar as diferenças culturais para que todes possam ter a liberdade de ser, conquistar, existir em paz. Sem que haja essa busca infinita pela perfeição. É necessário urgentemente que todas e todes possam viver, ser e contar suas histórias com liberdade de amar seus próprios corpos. Este teto de vidro precisa continuar a ser quebrado e suas rachaduras não de ser reconhecidas.

2.2 A representação da mulher e da menina na literatura infantil

A partir da necessidade de libertação e aceitação feminina é que podemos direcionar o olhar para histórias infantis que inspirem as meninas a se amarem e se aceitarem. Com

³ Tradução livre das estrofes: Always said we're gonna be true/ We will never change, we will never change/ They could never do it better/ Than when we are, are together/ Don't need to add nothing to your skin, skin, skin/ Be happy with the body that you're in, in, in/ Being who you are don't cost a thing, thing, thing/ 'Cause you don't need nobody else/ When you are true, true to yourself/ You're skin and bone, you're full of fear/ But you are just a human being/ (No matter what they do).

escritoras e escritores corajosos o suficiente para transgredir e ensinar que não existe um tipo certo de mulher, que elas podem voar e sonhar com liberdade.

O livro infantil, constantemente apresenta-nos assuntos sensíveis, divertidos, importantes, com tamanha maestria e sutileza. Além de ter um papel reflexivo, ele é um instrumento de representação, de modo que a partir do contato com obras infantis, as crianças poderão começar a significar seu papel social. Então, é de extrema importância considerar que:

[...] a Literatura Infantil também pode contribuir para a reprodução da divisão dos gêneros no meio social, corroborando a representação de uma essência feminina e de outra masculina. Em sua pesquisa, Amaral (2004), aponta que diversas atividades consideradas como trabalho, situadas na esfera pública, são desempenhadas, nos livros de Literatura Infantil, pelas pessoas do sexo masculino, enquanto que as atividades domésticas aparecem representadas pelas pessoas do sexo feminino. E que, sendo assim, as características atribuídas ao gênero feminino e masculino podem ser apropriadas e reproduzidas pelas crianças e jovens leitores de modo a reproduzir desigualdades. (RIBEIRO, A. E. M; ANDRADE, L. O de; COSTA, Y.K.M.; GIOTTO, C.G.G.S, 2015, p. 3).

A literatura infantil contemporânea torna-se mais um instrumento importantíssimo na luta pela igualdade ao identificar a reprodução da desigualdade de gênero entre meninos, meninas e meninos, pois se antes tinha caráter conformador para a perpetuação do ciclo explicado pela Mística Feminina, ela passa agora a ser um instrumento transgressor, pois:

Não se deve negar a crianças e jovens o direito ao debate sobre as ideologias contemporâneas. Os livros infantis que deveriam ser grandes aliados na educação desses alunos estão separando o mundo entre princesas, príncipes e monstros. Mas quem são esses monstros? Aqueles que pensam diferente da maioria? A menina que gosta de jogar futebol ou o menino que prefere dançar balé? Separar, rotular e classificar pessoas é um ato perigoso que pode ser um dos piores males existentes na contemporaneidade e responsáveis por tantas doenças psicológicas que vêm surgindo como se fossem produtos de massa. (ELEUTÉRIO, 2017, p. 4).

E a partir deste discurso, podemos começar a questionar a representação das princesas, das Rapunzéis de longas madeixas lisas e loiras, das meninas de tez branca, das que têm a trajetória definida pela busca do príncipe encantado. Hoje as narrativas passam a adentrar em debates muito mais importantes e representações mais desenvolvidas. Um exemplo disso é a narrativa *Eugênia e os Robôs* (2014), da autoria de Janaina Tokitaka, em que temos uma pequena heroína que não busca um príncipe, que não busca conhecer mais sobre afazeres domésticos e nem tem a personalidade dócil, característica de uma princesa encantada.

Neste livro, Eugênia é uma menina dotada de uma inteligência acima da média, que constrói robôs e os utiliza para que sua vida se torne mais fácil e agradável. Assim como muitas meninas, Eugênia também não se encaixa no que é esperado dela, como podemos ver no seguinte trecho: “O complicado era aguentar as queixas dos pais e dos avós, que questionavam como uma menina de onze anos poderia preferir um kit de parafusos a um kit de maquiagem com glitter.” (TOKITANA, 2014, p. 22). Nesta narrativa, vemos mais uma menina tentando se desvencilhar das amarras do considerado feminino pelo patriarcado e almejando apenas ser ela mesma e ter a liberdade de adquirir conhecimentos ao invés de ser mais “feminina”.

Outra obra infantil, bastante conhecida é *A menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (1986) que é de extrema importância, pois segundo Carboniere e Laverde:

De forma sutil, mas intencionada, Machado deixa claro que uma criança negra também pode ser uma princesa ou mesmo uma fada, contrariando os modelos representados nas narrativas infantis tradicionais, [...] isso não acontecia. (2018, p. 62).

A partir do que as autoras citam, podemos perceber a importância da representação de personagens negras, pois não são apenas as meninas loiras que podem ser princesas e belas. Ainda sobre a força da literatura infantil, as mesmas autoras fazem considerações de tamanha relevância ao falarem sobre a obra *O cabelo de Lelê* (2007), de Valeria Belém:

De forma poética, Belém liga a descoberta da menina à história dos africanos e afrodescendentes. Lelê revisita essa história a partir do momento em que tem contato com os livros. Ela se identifica com o seu povo, com a sua ancestralidade, através dessas leituras, e passa a usar vários tipos de penteados afro-brasileiros. Assim, nessa metalinguagem, em que a autora usa a literatura dentro da literatura para problematizar a questão dos estereótipos e também reforçar a valorização da beleza negra, fica evidente o poder das histórias infantis para alcançar tal propósito. (CARBONIERE; LAVERDE, 2018, p. 65).

É a partir de obras como as de Machado e de Belém que podemos ser contempladas com personagens reais, com meninas que possamos nos identificar e que permite ressoar uma voz que há tanto tempo vêm sendo silenciadas. É dentro da literatura que acontece esse questionamento e reflexão para que, por fim, possa haver uma aceitação. Podemos notar que a representação é de tamanha importância e já elencamos diversos motivos disso, ainda sobre ela e a literatura infantil, Carboniere e Laverde vão trazer à tona, mais reflexões:

[...] durante a infância, toda criança elege para si um herói, um ídolo. Alguém que o represente. Ele explica que o motivo desse seu desejo talvez fosse o fato de se identificar mais com o apresentador e cantor, pois naquela época, Jairzinho era um dos poucos meninos negros na televisão, portanto, mais próximo dele. O depoimento de Ramos só reforça o que pensamos: a identidade da criança é construída através das referências que lhe forem apresentadas. Portanto, se a criança negra não se vê representada ou se sua realidade é retratada apenas através de estereótipos, ela não desenvolverá uma imagem positiva de si mesma. No caso das obras escolhidas para este texto, reafirmamos se tratar de quatro exemplos de narrativas que trazem personagens empoderadas e que podem ser trabalhadas pelo professor em sala de aula. (RAMOS, 2017. apud CARBONIERE; LAVERDE, 2018, p. 73).

Como já fora ressaltado, a representação que a mídia traz tem caráter formador, conforme evidenciamos na fala das autoras anteriormente. É a partir dela que as crianças poderão desenvolver sua identidade, vendo que não existem apenas estereótipos e que elas podem sim ser exatamente quem elas são.

Infelizmente, tanto no meio acadêmico, quanto editorial, não encontramos tantas obras voltadas para a representação das mulheres/meninas trans, mas podemos citar a obra *Princesa Kevin* (2020), de autoria do Michäel Escoffier e ilustrações de Roland Guarringue. Nesta, temos Kevin que quer ir para a festa da escola com fantasia de princesa, mas os colegas acham que isso é estranho, porque ele é um “menino” usando um vestido, então, ficam longe, apontam, e até acham que pode ser contagioso. Diante do questionamento da escolha da fantasia, o narrador vai apontar que: Para começar, quem foi que decretou que só as meninas podem se vestir de princesa? É sério, pensa bem: se elas têm vontade de se fantasiar de caubói ou de cavaleiro, o que Kevin tem a ver com isso? Elas fazem o que elas quiserem. (ESCOFFIER; GUARRINGUE, 2020, p. 11).

Mas, além de obras mais contemporâneas, também podemos nos direcionar para os antigos contos de fadas que já ofereciam algumas poucas protagonistas que ousavam transgredir aquilo que lhes fora mandado. Estas narrativas que se iniciaram orais e até hoje são contadas para as crianças dormirem, são de extrema relevância neste campo da literatura. Um exemplo” é o conto “*La Barbe-Bleue*” (Barba Azul), de Charles Perrault. Nesta época, as narrativas orais, além de ter um caráter de entretenimento para o povo, elas também serviam para educar as crianças desobedientes.

No conto de Perrault, temos um protagonista descrito como horrível e que possuía a barba azul, porém, ele era um conde riquíssimo e que já havia casado seis vezes, no entanto, as esposas dele sumiam e ninguém sabia exatamente o que havia acontecido com elas. Um dia, ele vai visitar um vizinho e pede uma de suas filhas em casamento que com relutância foi aceito, então, ela passa a viver com ele no enorme castelo. Lá ela é banhada por várias riquezas,

pode ter tudo, mas havia uma condição, ela não podia abrir uma das portas do castelo. A protagonista quis ser obediente, quis conceder esse desejo ao marido, mas a curiosidade era por demasiado forte. Até o momento em que ela se entrega e acaba por abrir o quarto, quando entra, vê que os corpos das ex-esposas do Barba Azul se encontram lá, ela fica aterrorizada e ele retorna para o castelo, então, ela e a irmã que estava com ela, fogem para a torre mais alta do castelo, até que os irmãos delas chegassem para matá-lo.

Apesar de termos donzelas que dependem de homens, no caso os irmãos, para salvá-las, já podemos observar o comportamento de curiosidade desabrochando juntamente com a negação submissa de não adentrar no aposento proibido pelo marido. Mais adiante, temos grandes personagens como as mencionadas anteriormente, Jane Fairfax da obra *Jane Eyre*, que mesmo não se configurando ao padrão de beleza, se recusava a ser submissa e desejava apenas pela sua liberdade; temos *Emma* e Elizabeth de *Pride and Prejudice* (*Orgulho e Preconceito*, 1813) em que ambas as protagonistas são fortes, se recusaram a dobrar-se às normas dos casamentos e escolhem casar por amor independente da casta social que elas ou seus respectivos parceiros se encontravam.

Em narrativas mais atuais como *Purple Hibiscous* (*Hibisco Roxo*, 2011) temos outra protagonista, Kambili, que se recusa a baixar a cabeça e ceder a todas as vontades do pai dominador. Ela usufrui da liberdade que pode ao ceder à sua curiosidade de conhecer mais sobre sua própria cultura e família; podemos citar sagas que fazem parte da vida juvenil como *Divergent* (*Divergente*, 2011) em que os jovens eram divididos em facções ao chegar em determinada idade, elas poderiam ser: abnegação, amizade, audácia, franqueza e erudição. A protagonista, Beatrice, mais conhecida por Tris, quer participar da facção da audácia, já advindo de uma família de abnegados. Porém, mesmo parando na facção que desejava, ela esconde o fato que ela poderia participar de mais de uma, (algo que não acontecia naquele universo, a menos que fosse um divergente que era condenado à morte) erudição e abnegação. É com esse segredo que a história acaba por se tornar uma revelação que foi iniciada por uma menina que não se encaixava em moldes.

Ainda em relação a meninas que não se encaixavam nos moldes, podemos citar “*The Selection*” (*A Seleção*, 2012) que é outra série de livros com uma protagonista destemida chamada America Singer. Ela entra na seleção de esposas para o príncipe Maxon. Há várias jovens bonitas, bem-comportadas e mais “adequadas” que ela, porém, ela não quer casar, mas adentra na competição para ter acesso à alimentação e constantemente se desvencilha das investidas do príncipe. São protagonistas como essas que dão mais esperança ao lermos a

literatura infantil e juvenil, uma esperança de ter o espaço para mulheres mais fortes e independentes das vontades do ego masculino.

Ainda, vale acrescentar à discussão, as adaptações fílmicas da Disney, em que as histórias com finais mais trágicos acabam ganhando tons mágicos em que a princesa precisava ser salva, como podemos ver em *“Snow White and the Seven Dwarfs”* (Branca de Neve e os sete anões, 1937) em que ela foge da madrasta malvada que queria ser a mulher mais bonita, mas ela perde esse posto para Branca de Neve, então, a vilã manda um caçador trazer o coração da moça em uma caixa, mas ele falha nessa operação, sabendo disso, ela se transforma em uma velhinha que parece ser inofensiva à Branca de Neve e dar-lhe uma maçã envenenada, de modo que temporariamente ela morre e é colocada num caixão de vidro para que os anões que a acolheram e os que passassem, pudessem admirar sua beleza, até que o príncipe encantado passa e resolve beijá-la; ou então, *“The Little Mermaid”* (A Pequena Sereia, 1989) em que a bela sereia Ariel desiste de todo seu mundo porque ficou enfatuada por um homem e acaba desistindo até de sua própria voz para ficar com ele.

Com o passar do tempo, a Disney vai se aventurando na quebra de papéis de gênero, e procura fugir um pouco dessa imagem do príncipe destemido (que a própria ajudou a perpetuar), aventureiro, corajoso e a donzela indefesa que o espera submissa enquanto sofre, que, vale salientar, ela mesma propagou por um longo tempo. Podemos observar filmes como *The Princess and the Frog* (A Princesa e o Sapo, 2009) que duas características fortes destas narrativas são quebradas, a primeira é que temos uma protagonista negra e a segunda que é uma mulher forte, que sonha em ter seu próprio restaurante, sua independência e não um casamento. Mesmo que ela acabe se apaixonando e casando no final, é um grande salto para as narrativas perpetuadas. Outra personagem que podemos citar é Elsa, da animação *“Frozen”* (2013), ela tem o poder de congelar o que toca conforme suas emoções, então, sua jornada não é buscar um marido, mas se descobrir, descobrir os limites de seus poderes e como controlá-los e usá-los a seu favor.

Sendo assim, podemos observar que os ideais estão se metamorfoseando para algo melhor, para um padrão de mais igualdade e liberdade de gênero. Observamos isso nas narrativas orais, livros infantis e juvenis, assim como animações fílmicas e até mesmo o valor do empoderamento na música.

Percebemos que mesmo em meio a tantos exemplos negativos da representação da mulher oferecidos e perpetuados pela mídia, também há um pouco de esperança em alguns lugares. Repetimos que a representação é importante. Que o lugar especialmente das meninas, não é na cozinha ou cuidando de bebês se não é algo que elas realmente queiram fazer. Que

elas podem ver mulheres destemidas na literatura e na televisão e tomá-las como modelos a quem poderão aspirar ser. Pois, não é só uma questão de crescerem para serem independentes, essa independência tem de começar agora.

A criança deve ter a liberdade de ser ela mesma, de dizer não, de desenvolver sua própria personalidade e acreditar em seus próprios valores sem que sejam os perpetuados. Elas devem saber que podem jogar futebol e não serem chamadas de “sapatão”, porque não importa a orientação sexual, as meninas podem fazer o que quiserem, podem brincar de boneca, de cozinha, de carrinho, de bola, de esconde-esconde. Elas podem ser princesas e astronautas. Elas e elus têm todo o direito e o tempo do mundo de serem e descobrirem ser aquilo que desejarem.

2.3 A representação da mulher e da menina através de imagens

Além dos aspectos discutidos anteriormente, é de extrema relevância pontuar aspectos conceituais da ilustração/imagem para que, dessa maneira, haja um melhor entendimento acerca do que será discutido no capítulo seguinte. Sendo assim, podemos observar que muitas vezes, as pessoas acabam por desmerecer as ilustrações que se fazem presentes nos livros, tanto infantis e juvenis, quanto nos próprios livros adultos, pois, tendem a pensar que estão lá com o intuito de preencher um espaço em branco, de deixar o livro mais, esteticamente, bonito, ao invés de observá-las em sua totalidade e apreendendo cada detalhe que elas exprimem.

Inicialmente, podemos trazer o conceito básico oferecido por Camargo (1995) sobre o que é uma ilustração “Ilustração é toda imagem que acompanha um texto. Pode ser um desenho, uma pintura, uma fotografia, um gráfico, etc.”. Mas se olharmos além disso, poderemos perceber que para entender o que está sendo exposto, se faz necessário o olhar:

Olhar é forma de perceber, mas não se trata do gesto maquinal de colocar os olhos em algo rapidamente. Refere-se ao ato de, a partir dos olhos, examinar, avaliar, correlacionar, pensar o que está sendo visto. Aprender a olhar significa sair do gesto primário de captar algo com os olhos, que é uma atividade física, e passar para outro estágio, aquele em que, a partir de muitos exercícios mentais, absorvemos e compreendemos o examinado. Esse debruçar-se sobre o que os olhos captam provocará análises e, o mais produtivo, provavelmente ativará a capacidade de inventar. Olhar, portanto, é uma soma que inclui o físico, o psicológico, a percepção e a criação. (RAMOS, 2013, p. 34).

Como podemos ver, Ramos aponta que olhar a imagem vai muito além do simples “passar os olhos” e é a partir desse processo que o sujeito leitor pode se identificar com o que

está sendo apresentado, pode, inclusive, se ver representado, assim como também pode-se presenciar estereótipos que não de ser refletidos e quebrados, assim como Massoni (2018) aponta:

Como exemplo de estereótipo presente em ilustrações de livros infantis, pode-se apontar as ilustrações do livro *Quem roubou o bisão?* (MARANHÃO, 1986), que representam a avó como uma senhora aparentemente muito velha, de óculos, corcunda, calçando chinelos, usando um coque na cabeça e tricotando. É claro que há avós assim, porém a crítica que se faz a esse tipo de representação das avós deve-se a sua generalização, pois nem todas as avós possuem essas características. Hoje em dia, principalmente, as avós têm cada vez menos semelhanças com a avó representada nas ilustrações do livro. (MASSONI, 2018, p. 125).

Nessa citação, podemos ver que, por diversas vezes, há um estereótipo imposto a livros infantis. E a partir de leituras conjuntas e direcionadas, a criança pode enxergar e refletir acerca dessa representação e passar a questioná-la como sujeito crítico.

Mas para além da representatividade, vale ressaltar que as ilustrações têm diversas funções, as que são apontadas por Massoni (2018, p. 124-125) ao resgatar as funções das ilustrações apontadas por Camargo (1999), que podem ser listadas da seguinte maneira: a) função representativa: que haverá a imitação da personagem a quem se refere; b) função descritiva: que irá tratar dos detalhes da aparência da personagem; c) função narrativa: mostra a personagem representada através de transformações e ações que ela realiza; d) função simbólica: haverá a sugestão de significados sobrepostos a seu referente, mesmo que ocorra de maneira arbitrária; e) função expressiva: quando o produtor da imagem revela sentimentos e valores ou ressalta os sentimentos e emoções da personagem que está sendo representada; f) função estética: terá como encargo enfatizar a mensagem visual, a beleza; g) função lúdica: orienta-se para jogos e inclui humor; h) função conativa: esta orienta-se para o destinatário, com a finalidade de influenciar seu comportamento utilizando-se de procedimentos persuasivos ou normativos; i) função metalinguística: a linguagem visual é o referente da imagem ou há uma relação direta entre os dois; j) função fática: a imagem irá enfatizar o papel de seu suporte; k) função de pontuação: orienta-se para o texto ao qual se insere e sinaliza seu início, fim, ou partes, assim criando pausas ou destacando alguns de seus elementos.

Essas funções são importantes de serem apontadas, para que haja essa percepção que ela não está meramente “enfeitando” o livro infantil, ela tem uma razão para estar lá e deve ser pensada e interpretada no momento da leitura, pois,

Crianças apreendem rapidamente a língua das imagens, porque estão em uma fase do desenvolvimento em que as sensações, vinculadas às formas, cores e texturas, ainda estão à flor da pele, não sofreram influência excessiva dos efeitos da racionalização. (RAMOS, 2013, p. 41).

Dessa maneira, podemos ver a importância das ilustrações para o desenvolvimento da criança. Além de diverti-las e entretê-las, elas irão aprender a partir da linguagem utilizada nas imagens, poderão perceber detalhes de personagens, a forma que se sentem a partir de traços característicos de emoções, poderão ver formas diferentes que as ajudarão a perceber o mundo de outra maneira, cores e texturas que irão fazer com que elas se concentrem e se admirem com aquilo que está diante delas. Elas poderão perceber e observar os traços utilizados nas imagens, que podem vir através de vários estilos, dentre eles, Camargo aponta que

O estilo linear valoriza a linha, o contorno, o aspecto plástico e tangível dos objetos. O estilo pictórico não está preocupado com a forma e o volume dos objetos, mas com as impressões visuais que essas formas e volumes provocam. (CAMARGO, 1995, p. 43).

Os mínimos detalhes são pensados para que a ilustração possa desencadear uma reação no leitor, nada é acidental. Mesmo o que pode ser considerado absurdo, ganha novas facetas nesse mundo de imagens. E é nesse mundo que a criança e o adulto podem perceber que

[...] é necessário tomar cuidado ao lidar com livros com ilustrações que apresentem imagens prontas, amáveis e encantadoras, quando na verdade deveriam ser feias e grotescas. A criança tem que saber (e isso não irá traumatizá-la) que ninguém é esteticamente perfeito. (MASSONI, 2018, p. 126).

É essa consciência que se faz necessária para que haja uma imagem positiva de si e das pessoas, pois ninguém é perfeito e na sociedade em que vivemos, é quase impossível sê-lo, então, é importante mostrar desde cedo que as pessoas são diferentes, nem sempre elas serão como príncipes e princesas da Disney.

No que concerne o campo propriamente dito de análise da ilustração, nos orientamos pelos aspectos apontados por Massoni (2018), que são os seguintes:

- a. Coloração: quando a ilustração é preta e branca, tende a não chamar muita atenção das crianças (principalmente as mais novas), que tendem a preferir ilustrações coloridas, com cores vibrantes;
- b. Dimensão: o tamanho da ilustração também influi. Um dos motivos é por que, quando a ilustração é muito pequena, fica difícil mostrá-la quando se está contando uma história, principalmente se for contada para muitas crianças. Também é muito utilizada a mescla entre ilustrações e texto, onde o segundo sobrepõe-se ao primeiro;
- c. Realismo: deve-se perceber também se a ilustração é realista ou não. Não há um parâmetro que se possa apontar como certo neste quesito, pois há autores que preferem ilustrações realistas e outros que defendem as irrealistas. Estes (2005), por exemplo, afirmam que uma boa ilustração deve ser realista, sendo que para desenhá-la, é importante que o ilustrador tenha conhecimentos de anatomia. Para a autora, alguns ilustradores não passam de borradores, sendo que seus desenhos parecem ter sido feitos para ilustrarem revistas açucaradas. Ela afirma que uma boa ilustração deve ser como uma obra de arte, que seja fantasmagórica, possua sublimidade, denote fome, distorção de escalas, ofensa à perfeição e ilustre anomalias. Por outro lado, Abramovich (2004) alega que não se deve “lutar” por desenhos realistas, que são, segundo a autora, feios e duros;
- d. Expressões das personagens: a expressão que cada personagem apresenta é algo que, na maioria das vezes, não é descrito no discurso verbal, sendo possível constata-la mais facilmente através do discurso gráfico-visual.
- e. Contribuição: a ilustração não pode ser apenas uma cópia do que está escrito no texto, ela deve transgredir, mostrar detalhes não relatados no discurso textual, de modo a contribuir com a história e, desse modo, justificar sua existência. (MASSANI, 2018, p. 127).

Também levaremos em consideração os pontos previamente discutidos acerca dos padrões de beleza, da transgressão deles e da importância da representatividade, assim como mostraremos como cada traço analítico selecionado é de extrema importância para que haja uma conexão entre leitor e personagem, entre o mundo real e o mundo fictício criado por uma sociedade misógina, que espera nada menos que perfeição das meninas e das mulheres.

Sendo assim, no próximo capítulo, discutiremos sobre a mulher enquanto representação literária, de modo a refletirmos sobre alguns aspectos tais como: quem disse que as meninas não podem ser o que quiserem? Não podem ser aceitas? Não podem vir em tamanhos, formatos e personalidades diferentes? Elas existem, estão entre nós, e muitas vezes são como nós, conforme veremos nas próximas obras a serem analisadas.

3. ELAS, A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA

Como apontado diversas vezes ao longo da pesquisa, a importância da representatividade é muito grande para todas as mulheres, meninas cisgênero e pessoas não binárias, para que assim todes possam sentir que têm seu lugar na sociedade. Mesmo em meio a tanta intolerância, competitividade, violência, há um lugar para todes que cada vez mais cresce e ganha voz e poder nesta sociedade heteronormativa e machista.

Então, apresentamos os livros infantis que serão analisados no presente capítulo. Eles nos trazem personagens fortes, transgressoras e, acima de tudo, que fogem à norma. Assim, poderemos concatenar de forma mais satisfatória as informações recolhidas ao longo deste trabalho e o perceptível impacto causado dentro da literatura infantil.

3.1 *Lady Fofa: me faço caber!*

No livro, *Lady Fofa*, da autora Carla Yanagiura, que nasceu em Santos, São Paulo (2010) e ilustrado por Fernanda Moraes que nasceu no Rio de Janeiro, temos a protagonista Golda. Ela é uma princesa fofa, que a partir das ilustrações de funções expressiva e narrativa podemos observar que se enquadra sob à descrição de obesa. Ela sofre muito por não ter seu corpo aceito por si mesma e pela sociedade em que vive, onde todas as outras são magras. Com isso, Golda nunca consegue achar vestidos de seu tamanho, não consegue comer as coisas que gosta sem ser alvo de piadas e humilhações.

Ela só tinha um problema, ser uma princesa que tivesse vestidos que lhe coubessem. Então, ela busca em lojas, com alfaiates, mas nunca conseguia encontrar, pois eles não eram pensados para mulheres e garotas com seu tipo físico, como podemos ver na figura 1:

Figura 1: Imagens de Golda decepcionada com os vestidos



Fonte: *Lady Fofa*, Editora Escrita Fina (2010).

Na figura 1, podemos ver a expressão de desgosto que o estilista carrega ao ver como o corpo da princesa era maior do que as das demais que ele estava acostumado a costurar, assim como também podemos perceber a expressão de tristeza de Golda ao segurar um vestido que é menor do que o tamanho do que ela poderia utilizar. Logo atrás dela, pode-se ver uma arara de vestidos ainda menores, ou seja, podemos notar a presença de uma sociedade que não busca trazer possibilidades para todos. Seja em questões de estilo, como de lugar, haja vista que se ela fosse mais uma princesa magrinha, o estilista jamais a olharia da forma que é exibido na ilustração.

Golda fica insatisfeita com a posição em que se encontra de exclusão e preconceito por seu físico. Ela acaba cansando de procurar se encaixar numa sociedade que não quer dá-la espaço, então, ao longo do livro, podemos ver que ela mesma resolve criar uma linha de roupas para que todas as princesas fofas não tivessem de passar pelo mesmo sofrimento. Ela cria lindos vestidos *plus size* e os usa com orgulho como podemos ver na figura 2:

Figura 2: Golda desfilando com vestidos *plus size*



Fonte: *Lady Fofa*, Editora Escrita Fina (2010).

Na figura 2, podemos observar que ela lança uma linha de roupas “*Lady Fofa*” e que há diversas mulheres na plateia com corpos diferentes do padrão. Todas têm um lugar ali e todas fogem à padronagem que vemos sendo perpetuada nos estudos de Wolf ao falar sobre os ritos de beleza que são responsáveis por prender as mulheres a algo que vai além da moda e começa a causar uma certa deformação autoimagem.

Wolf mostra que diversas mulheres estão sozinhas em seus ritos de beleza, sem saber que outras também passam pelas mesmas inseguranças e medos. Todas passam por essa repressão que acaba sendo algo quase dogmático, pois, a busca pelo corpo perfeito vem acima do bem-estar, da saúde, das condições financeiras e esse desejo imposto torna-se tão desesperador que as mulheres abrem mão de coisas que as agradam, que as fazem felizes, coisas simples como alimentação:

A cultura moderna reprime o apetite oral da mulher da mesma forma que a cultura vitoriana, através dos médicos, reprimia o apetite sexual feminino: *do alto da estrutura do poder para baixo, com um objetivo político*. Quando a atividade sexual feminina perdeu seus valiosos castigos, os Ritos tomaram o lugar do medo, da culpa e da vergonha que as mulheres sabiam que deveriam sempre acompanhar o prazer. (WOLF, 2020, p. 145).

Sempre com a repressão de algum campo de suas vidas, as mulheres seguem tentando se adequar. Mas não Golda, mesmo sofrendo com o desdém e humilhações de terceiros, ela segue comendo e vivendo da forma que lhe agrada. Ela acaba tão livre consigo mesma, que encontra um romance, que sua linha de roupas ganha sucesso pelo mundo inteiro e mais importante, ela se libertou de correntes que a aprisionavam, diferentemente de outras personagens (fig. 3).

Figura 3: Golda saboreando sua refeição com a família que vive sob o mito da beleza



Fonte: Lady Fofa, Editora Escrita Fina (2010)

Golda é feliz, se aceitou e se dá a liberdade de consumir aquilo que deseja e que lhe faz bem. Podemos observar na ilustração acima que ela se sente satisfeita ao ter essa liberdade,

enquanto ostenta um sorriso no rosto durante a refeição, por outro lado, as demais que são vítimas do Mito da Beleza estão apenas com pequenos vegetais no prato para continuarem magras e continuarem “bonitas”. Ela nos mostra, mostrou e seguirá mostrando a diversas pessoas que você não deve se modificar por normas de beleza e sim criar as suas próprias, se aceitar e sentir-se bem com quem você é.

3.2 Ombela: a origem das chuvas: pele livre!

Ao pensarmos no título do livro escrito por Ondjaki, autor angolano que é consagrado com diversos prêmios por suas obras, como o JABUTI, prêmio José Saramago, entre outros e ilustrado por Rachel Caiano que é artista plástica e ilustradora, também premiada por seu trabalho além de ter várias de suas obras na exposição “*The White Ravens*” que é uma seleção internacional dos melhores livros (2016), nos questionamos o que “a origem das chuvas” se encaixa neste trabalho sobre a representação da mulher, mas então, além de adentrarmos na narrativa que conta a história de Ombela, que encheu o mundo de oceanos com suas lágrimas de tristeza, mas que também nos deu a chuva com suas lágrimas de alegria, temos uma menina negra, trajada com roupas que segue a cultura do cenário em que a história se passa, assim como uma personagem de cabelos afro. Então, em um universo no qual as mulheres têm de alisar seus cabelos, termos uma protagonista que não passa pelo processo de embranquecimento entre as páginas é algo transgressor.

Afinal,

[...] essas representações construídas sobre o cabelo do negro advêm de uma sociedade racista, o que influencia o comportamento individual. De acordo com ela, “existem espaços sociais em nossa sociedade em que o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e o seu corpo. Um deles é a escola” (GOMES, 2002, p. 44 apud CARBONIERE; LAVERDE, 2018, p. 67).

É de extrema importância mostrar para as crianças em casa, na escola, em todos os ambientes que fazem parte da vida delas, que o cabelo liso não é a única opção, não é a única forma de beleza existente e que ela pode abraçar os traços culturais que bem desejar (fig. 4).

Figura 4: Ombela triste



Fonte: *Ombela: a origem das chuvas*, Editora Pallas Míni (2016)

Na figura 4, a partir de uma ilustração expressiva, vemos a protagonista com o tom de pele negro mais retinto, os cabelos afros e as argolas utilizadas no pescoço em muitas culturas. Podemos ainda, enxergar um ato revolucionário de ver uma menina negra sem parecer uma menina branca. E além das mulheres negras que podem ter acesso a este livro, temos as meninas negras que poderão ler e observar em níveis que a mente adulta não consegue brincar, pois:

As crianças são leitores em desenvolvimento; sua abordagem da vida e do texto brota de um conjunto de padrões culturais diferentes dos padrões dos leitores adultos, um conjunto que pode estar em oposição à oralidade, ou talvez baseado nela. Então, as crianças realmente “possuem” os textos, no sentido de que os significados que produzem são seus e privados, talvez até mais do que os adultos. Os leitores adultos conhecem as regras do jogo, mesmo que não tenham consciência disso; e seu entendimento, como vimos, pode advir de participar de “comunidades interpretativas” que não apenas conhecem as regras do jogo mas compartilham conhecimento e atitudes. (HUNT, 2010, p. 97).

Como apontado por Hunt, elas têm a liberdade de ver além do que nós já estamos conduzidos a ver e elas podem enxergar Ombela não só como a deusa da chuva, mas como a menina do livro que parece com elas, como a menina que não tinha medo de ser, como a menina que tinha uma pele parecida com a dela e é esse tipo de quebra de regras que propomos. A liberdade de interpretação que não é porque no desenho animado não apareceu uma menina negra que ela não aparecerá em lugar algum mais, ao contrário, ela está lutando mais e mais para sair da margem a que foi jogada e gritar que ela também tem um lugar nesta sociedade.

Em *Ombela: a origem das chuvas* (2016), vemos não só uma menina, mas uma deusa que é bela, expressiva, livre e sábia, que através das ilustrações podemos sentir o que ela sente e podemos nos encantar com os traços que a criam no papel (fig. 5).

Figura 5: Ombela reflexiva



Fonte: *Ombela: a origem das chuvas*, Editora Pallas Míni (2016)

Não buscamos uma forma que a mulher/menina tenha de ser, não queremos mandá-la se cobrir ou se desnudar, mas esperamos que ela tenha a opção, assim como na ilustração 5, onde Ombela está com os cabelos cobertos por um lenço, esperamos que as leitoras possam enxergar que está tudo bem se cobrir, se for algo que elas decidam fazer, assim como também está tranquilo, sair exibindo seus cabelos, que não há nada de errado com o tom de sua pele e que a beleza não é e nem deverá ser normativa. Ombela é a deusa da chuva, mas cada mulher é a deusa de seu próprio mundo e apenas ela deve ter a palavra final sobre o que deverá fazer parte ou não de sua estética.

3.3 O Menino Perfeito: quero poder ser!

O menino perfeito, escrito e ilustrado por Bernat Cormand, autor que nasceu em Barcelona, que além de ser escritor e ilustrador, também é um filólogo, que veio a falecer recentemente em 2021.

O título deste livro parece algo solto e perdido dentre tantas obras com nomes femininos, porém, algo que o leitor há de se surpreender é que ao longo da narrativa, acompanhamos a vida de Daniel, um menino que faz tudo perfeitamente, com hora marcada e que acaba agradando a todos, mas o que um menino perfeito pode ter a esconder? Bem, ele tem um segredo. Bernat Cormand constrói com muita sutileza a história de Daniel, o menino que sempre se levanta no mesmo horário, vai à escola, faz os deveres, passeia o cachorro, lê, janta. Como pode ser visto:

Figura 6: Daniel se olhando no espelho sem se reconhecer



Fonte: *O menino perfeito*, Livros da Matriz (2017).

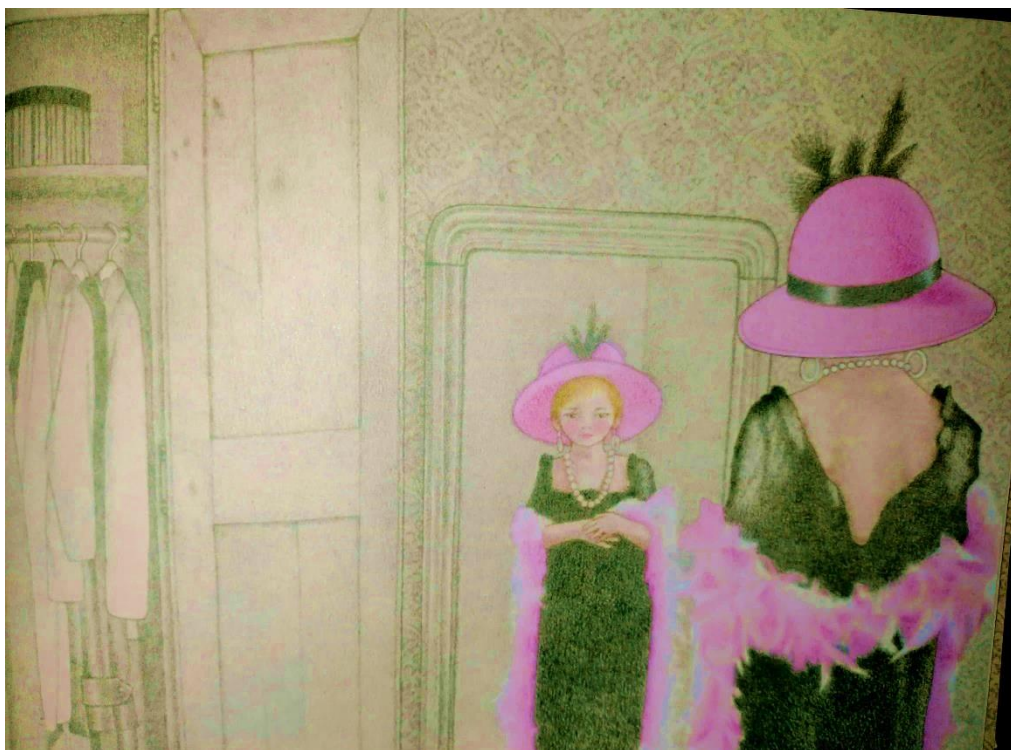
Na figura 6, podemos perceber que a ilustração tem a função não só expressiva ao podermos captar as emoções da personagem, mas também narrativa que acaba nos conduzindo a todos os seus afazeres diários. Vemos um menininho devidamente arrumado, ajeitando a gravata na frente do espelho, que reflete um rosto triste, quase de despertencimento. Até sua gravata tem de ser colocada com perfeição e zelo, porque ninguém pode descobrir quem ele realmente é. Pois,

Desde jovens somos educados com ideias do que significa ser homem e mulher, e a sexualidade e a orientação sexual têm um grande peso sobre essas ideias. Isto acontece, porque apesar de gênero e orientação sexual serem conceitos completamente independentes, a expressão de gênero tem influência em como a sociedade percebe ou assume as preferências de cada

um. Também no sexo como ato, há expectativas daquilo que cabe a cada gênero. (CORREIA, 2015, p. 28 apud ELEUTÉRIO, 2017, p. 8).

A normatividade de gênero não permite que as pessoas possam usufruir de sua liberdade para serem elas mesmas, pois, é muito difícil sair de um mundo em que “azul é para menino e rosa para menina” em que “ele veste terno e gravata e ela vestido e saia”, então, aí podemos ver essa ideia perpetuada que apenas temos homens e mulheres e que a sexualidade e gênero não podem ser fluídas. Então, acabamos vendo mais e mais pessoas aprisionadas em corpos que elas não querem, que elas não reconhecem, que assim como Daniel, precisam esconder um segredo como se fosse algo abismal (fig. 7), pois, o que um menino estaria fazendo trajando um vestido? Isso é coisa de mulher. Então, provavelmente, muitos se utilizariam da violência e assim diversas pessoas acabam sofrendo essa opressão, essa transfobia quando só querem ser elas mesmas sem rótulos, sem regras, sem normas, que querem se olhar na frente do espelho e sorrir:

Figura 7: Daniel podendo ser quem verdadeiramente é



Fonte: *O menino perfeito*, Editora Livros da Matriz (2017)

Na figura 7, podemos tomar conhecimento do segredo de Daniel. Que ele consegue sorrir, mas quando se abraça de verdade e aceita sua própria identidade. Mesmo que na calada da noite, o vestido, chapéu, acessórios são o que realmente se identificam com ele. E é nesse ponto que podemos observar a maestria do livro infantil, pois ele:

[...] apresenta um problema mais difícil, tecnicamente mais interessante – o de fazer uma declaração adulta inteiramente séria, como qualquer bom romance, sendo extremamente simples e transparente [...]. A necessidade de compreensão impõe uma obliquidade emocional, um procedimento indireto na abordagem, que, como a elisão e a afirmação parcial na poesia, muitas vezes é fonte de força estética. (Citação do comentário de Jill Paton Walsh em HUNT, 2010, p. 56).

Encontramos aqui, uma personagem que quer ser livre e cuidadosamente o livro infantil vai construindo a forma que ele está aprisionado em um mundo que não o pertence. Que assim como acontece em *Lady Fofa*, está em um mundo que não aceita da forma que realmente é, mas como acontece em *Ombela*, são personagens que mostram que você tem a liberdade de ser, que a beleza não é uniforme, não tem tamanho, número, gênero, peso certo. Há algo de único em todos e o mito da beleza, o julgamento da sociedade, a mídia, nada disso deverá tirar o poder de existir de uma forma diferente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, nos propomos a analisar a forma que a mulher é representada graficamente dentro da literatura infantil a partir das obras selecionadas, mas para além disso, fazer um pequeno recorte histórico da importância do movimento feminista.

A teoria feminista abarca diversos assuntos que tocam não só às mulheres, mas a sociedade por inteiro, é mais que igualdade, é equidade. É respeito e esperança de que todas e todes terão a liberdade de ser quem realmente são em um lugar livre sem ameaça de violência, é ter equidade de direitos. É poder compreender que a mídia não deve ditar o que pode entrar no estômago de uma pessoa ou não, ou a cor da pele dela, e ainda a forma que seu cabelo deve estar arrumado.

Então, a partir de teóricas como Wolf (2020), Friendan (2019), e tantas outras fomos observando que a mídia e a indústria de beleza vêm lucrando há muitos anos das inseguranças que são impostas às mulheres, que isso acabou criando o constante desejo pela perfeição. E é aí que podemos ver que isso é algo perpetuado por filmes, séries, músicas, que a menina acima do peso é alvo de piadas, que a pessoa trans é a estranha e a negra tem a cor errada. Mas, com o passar dos anos e das pesquisas, mesmo que vagarosamente, o teto de vidro está sendo quebrado, como podemos perceber a partir da instauração da lei 11645/08 que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

A literatura tem executado um papel transgressor há muitos séculos e continua a executá-lo como pudemos verificar em obras como as listadas no capítulo 1, que ganharam mais espaço para as mulheres falarem quando não tinham voz, assim como pudemos ver que no capítulo 2 aos poucos há um desprendimento do que a mídia impõe e no 3 podemos finalizar com personagens da literatura infantil contemporânea que mesmo tendo suas lutas, sabem quem são e estão mostrando às crianças, aos adultos, a todes, que há a possibilidade de um mundo melhor, no qual haja mais equidade, que acima de tudo, todes merecem sentir-se em casa dentro de seu próprio corpo e para este fim, a literatura infantil, as ilustrações, cada detalhe singelo é fundamental.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. 1ª ed. Companhia das Letras, 2011.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. 1ª ed. Penguin, 2011.
- AUSTEN, Jane. **Emma**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. Rio de Janeiro: Casa Bojunga, 2019.
- BRONTË, Anne. **A Inquilina de Wildfell Hall**. Espírito Santo: Editora Pedrazul, 2015.
- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BURNETT, Frances Hodgson. **O Jardim Secreto**. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_dos_Direitos_da_Mulher_e_da_Cidad%C3%A3>. Acesso em: 21 de fev. de 2021.
- CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Minas Gerais: Editora Lê, 1995.
- CARBONIERE, Divanize; LAVERDE, Sheila Dias da Silva. Entre laços, cachos e tranças: o empoderamento das meninas negras através da literatura. 2018.
- Catching A Wave: Reclaiming Feminism for the Twenty-First Century. Northeastern University Press, 2003. Ed, by Rry Dicker and Alison Piepmeier.
- COACCI, Tiago. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. História Agora, 2015.
- CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. Feminismo e gênero: a literatura juvenil escrita por mulheres (1979-1984). Três Lagoas, MS, 2019, 225 f. Tese (Doutorado, Estudos Literários) – PPG - Letras, UFMS. Orientador: Rauer Ribeiro Rodrigues.
- CORMAND, Bernat. **o menino perfeito**. São Paulo: Livros da Matriz, 2017.
- DANLER, Stephanie. **Tintos e Tantos**. São Paulo: Globo, 2017.

DE JESUS, J. G.; ALVES, H. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais**. Revista Cronos, v. 11, n. 2, 28 nov. 2012.

ELEUTÉRIO, Rosangela Fernandes. Antiprincesas e anti-heróis: a literatura infanto-juvenil e a desconstrução de estereótipos de gênero. R. Letras, Curitiba, v. 19, n. 24, p. 1-14, mar. 2017.

ESCOFFIER, Michaël; **Princesa Kevin**. Ilustrações de Roland Garrigue. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Jane Austen**. <https://www.ebiografia.com/jane_austen/>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: 2020.

GOUGES, Olympe de. **DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER E DA CIDADÃ**. Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis. v. 4, n. 1. Florianópolis: 2007. História. Universidade Livre Feminista.< <https://feminismo.org.br/historia/>>. Acesso em: 21 de fev. de 2021.

HERBERT MASSONI, L. F. Ilustrações em livros infantis: alguns apontamentos. DAPesquisa, Florianópolis, v. 7, n. 9, p. 121-129, 2018. DOI: 10.5965/1808312907092012121. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/13951>. Acesso em: 17 maio. 2021.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KASS, Kiera. **A Seleção**. 1ª ed. Seguinte: 2012.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. São Paulo: Editora Martin Claret, 1998

Marco do feminismo, "O Segundo Sexo", de Simone de Beauvoir, completa sete décadas. GZH LIVROS. 23 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2019/06/marco-do-feminismo-o-segundo-sexo-de-simone-de-beauvoir-completa-sete-decadas-cjx9g784a01zu01o9jff0akxz.html>>. Acesso em: 21 de fev. de 2021.

MARY SHELLEY. Direção: Haifaa al-Mansour ar. Produtores: Amy Baer; Ruth Coady; David Grumbach; Alan Moloney. Luxemburgo e Irlanda: HanWay Films; BFI; Parallel Films; Gidden Media; Irish Film Board; Film Fund Luxembourg; Head Gear Films; Metrol Technology; Juliette Films; Ralifish Films. 2017. *Netflix* (121min.).

ONDJAKI; CAIANO, Rachel. **Ombela: a origem das chuvas**. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2016.

O'NEILL, Louise. **A Pequena Sereia & O Reino das Ilusões**. São Paulo: Darkside, 2019.

O que é gênero não binário e como usar a linguagem neutra no dia a dia. 2021. < [O que é gênero não binário e como usar a linguagem neutra no dia a dia - Revista Galileu | Comportamento \(globo.com\)](#)> acesso em 19 de jul. de 2021.

PERKINS, Stephanie. **Ana e o Beijo Francês**. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2011.

QUEIRÓS, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo: Editora Gol, 2014.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis – Caminhos para ler o texto visual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RIBEIRO, A. E. M; ANDRADE, L. O. de; COSTA, Y. K. M.; GIROTTO, C. G. G. S. A mulher representada nos livros de literatura infantil contemporâneos: sementes de ideias lançadas para possíveis brotos de reflexão. 2015.

ROTH, Veronica. **Divergente, Uma Escolha Pode Te Transformar**. 1ª ed. Rocco Jovens Leitores, 2013.

SILVA, Soraia Maria da; SOUZA, Edilson Alves de; CAMARGO, Flávio Pereira. **Imagens que falam: considerações sobre o livro-ilustrado e a formação do leitor**. 2017.

SNOW WHITE AND THE SEVEN DWARFS. Direção: David Hand. Produção: Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney Productions. RKO Radio Pictures. 1937. (83min).

THE DUFF. Direção: Ari Sandel. Produtores: Susan Cartsonis; McG; Mary Viola. Estados Unidos: Vast Entertainment; CBS Films; Wonderland Sound and Vision. Lionsgate. 2015. (105min).

THE LITTLE MERMAID. Direção: Ron Clements; John Musker. Produção: John Musker; Howard Ashman. Estados Unidos: Walt Disney Feature Animation; Walt Disney Pictures; Silver Screen; Partners IV. Buena Vista Pictures. 1989. (83min).

THE PRINCESS AND THE FROG. Direção: Ron Clements; John Musker. Produção: Peter Del Vecho; John Lasseter. Estados Unidos: Walt Disney Pictures; Walt Disney Animation Studios. Walt Disney Studios Motion Pictures. 2009. (89min).

TOKITAKA, JANAINA. **Eugênia e os robôs**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

TRUE. Intérprete: MARINA. Compositor: Marina. In: , Marina. Love + Fear. [Compositor e intérprete]: Marina. Estados Unidos e Reino Unido: Atlantic Records, 2019. 1 disco vinil, CD, *Streaming*, *Dowload* digital, 3min20s.

VELOSO, Ana Carolina Siqueira; SILVA, Márcia Cabral da. Perfis femininos na literatura infantil: uma abordagem histórica e comparativa (1930-1950). 2012.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

WOOLF, Virginia. **Orlando**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 1ª ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

YANAGIURA, Carla; MORAIS, Fernanda. **Lady Fofa**. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2010.